



LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU: USOS E APROPRIAÇÕES DA PRAÇA DA PAZ E PARQUE MONJOLO

JULIA LIMA DA SILVA

LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU: USOS E APROPRIAÇÕES DA PRAÇA DA PAZ E PARQUE MONJOLO

JULIA LIMA DA SILVA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Rammé
Co-orientadora: Profa. Dra. Cecilia de Moraes Machado Angileli

FOZ DO IGUAÇU
2022

JULIA LIMA DA SILVA

LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU: USOS E APROPRIAÇÕES DA PRAÇA DA PAZ E PARQUE MONJOLO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr. Julianna Rammé
UNILA - Arquitetura e Urbanismo

Co-orientadora: Prof. Dr. Cecilia Maria De Moraes Machado Angileli
UNILA - Arquitetura e Urbanismo

Banca Interna: Prof. Dr. Patricia Zandonade
UNILA - Arquitetura e Urbanismo

Banca Externa: Prof. Dr. Mariana Barbosa de Souza

Foz do Iguaçu, dezembro de 2022.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a minha mãe Mariana, minha maior incentivadora, que não hesitou em me apoiar a ir morar em outro estado sozinha, com recém completos 19 anos, para seguir o seu sonho de estudar arquitetura. Minha mãe e minha vó Lourdes são as mulheres mais fortes que conheço e trabalharam toda as suas vidas para que eu possa, hoje, estar concluindo um curso de graduação. Nunca é demais dizer que sem elas eu não conseguiria.

À toda minha família, por todo amor e carinho enviado durante esses anos, especialmente a minha irmã Marina, por acreditar em mim em todas as circunstância e meu namorado Maxi, por me dar força e coragem sempre que preciso. Minha conquista também é de vocês.

Agradeço também a todas as amigas e amigos que me acompanharam de perto e de longe, se fazendo presentes mesmo com a distância e participando mais uma fase da minha vida.

Agradeço carinhosamente:

À minha orientadora, Juliana Rammé, por abraçar a ideia deste TCC desde o primeiro momento e por todo entusiasmo e dedicação nas orientações. E a co-orientadora Cecília Angileli, por todas as reflexões que contribuíram para esta investigação e pelas palavras de incentivo.

Aos professores/as e colegas de curso da UNILA, por todo companheirismo e acolhimento, por todos os ensinamentos e aprendizagens que construímos juntos. A caminho de construir uma cidade mais justa, empática e coletiva!

Dedico esse trabalho a minha mãe, irmã e vó.
E a todas as mulheres da minha família, que me dão
força e inspiração para seguir.

"Me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além." - Rupî Kaur, 2017.

SILVA, Julia Lima da. **Leitura da Paisagem Cultural de Foz do Iguaçu: Usos e apropriações da Praça da Paz e Parque Monjolo.** 143 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca estudar a paisagem cultural de Foz do Iguaçu, a partir de uma leitura dos usos, apropriação e resignificação dos espaços públicos pela perspectiva de seus usuários. Baseia-se no entendimento de que a paisagem se configura a partir de aspectos simbólicos refletidos em um determinado espaço físico, e portanto, é constantemente resignificada de acordo com os diferentes olhares e percepções atribuídos sobre ela.

A metodologia de pesquisa está dividida em 3 etapas. A primeira etapa compreende os estudos preliminares sobre os conceitos e abordagens sobre paisagem cultural e espaço público urbano. A segunda etapa busca analisar o processo de conformação da paisagem produzida em Foz do Iguaçu, com enfoque nos espaços públicos de lazer da cidade. Por fim, a terceira etapa reúne o estudo da paisagem dos espaços públicos de lazer selecionados, com enfoque em parque e praças, e indicações gerais para essa paisagem cultural.

Esta investigação tem como objetivo final compreender como a pluralidade cultural redesenham os espaços públicos da cidade, de modo a valorizar a paisagem e incentivar a apropriação popular, o encontro da diversidade e intercâmbio cultural possibilitados, principalmente, pelo uso dos espaços públicos de lazer.

Palavras-chave: Paisagem Cultural, Espaço Público, Leitura da Paisagem, Praças e parques.

SILVA, Julia Lima da. **Lectura del Paisaje Cultural de Foz de Iguazú: Usos y apropiaciones de la Plaza de la Paz y Parque Monjolo.** 143 p. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Arquitectura y Urbanismo) - Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, Foz do Iguazú, 2022.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso busca comprender el paisaje cultural de Foz do Iguazú, a partir de una lectura de los usos, apropiación y resignificación de los espacios públicos desde la perspectiva de sus usuarios. Basa en el entendimiento de que el paisaje se configura a partir de los aspectos simbólicos reflejados en un determinado espacio físico, y por lo tanto, es constantemente resignificada según las diferentes miradas y percepciones sobre ella.

La metodología de la investigación está dividida en 3 etapas. La primera etapa comprende los estudios preliminares sobre los conceptos y abordajes sobre paisaje cultural y espacio público urbano. La segunda etapa busca analizar el proceso de conformación del paisaje producido en Foz do Iguazú, con enfoque en los espacios públicos de lazer de la ciudad. Por fin, la tercera etapa incluye el estudio del paisaje de los espacios públicos de lazer seleccionados, con enfoque en parque y plazas, e indicaciones generales para el paisaje cultural.

Esta investigación tiene como objetivo final comprender como la pluralidad cultural re-dibujan los espacios públicos de la ciudad, de modo a valorizar el paisaje e incentivar la ocupación popular, el encuentro de la diversidad e intercambio cultural posibilitados, principalmente, por el uso de los espacios públicos de lazer.

Palabras clave: Paisaje Cultural, Espacio Público, Lectura del paisaje, Plazas y parques.

SUMÁRIO

12	APRESENTAÇÃO	
15	OBJETIVOS E METODOLOGIA	
18	ETAPA 1: ESTUDO CONCEITUAL E METODOLÓGICO	
20	I. PAISAGEM CULTURAL: UM OLHAR MULTIDISCIPLINAR	
22	PAISAGEM E PERSPECTIVA	
24	MORFOLOGIA DA PAISAGEM	
26	PAISAGEM E SIMBOLISMO	
29	PAISAGEM CULTURAL E PATRIMÔNIO	
34	II. ESPAÇO PÚBLICO E AS RELAÇÕES DO COTIDIANO	
44	III. ESTUDOS DE CASOS CORRELATOS	
45	ESTUDO DA PAISAGEM: DESVELANDO A PAISAGEM DE PARANAPIACABA	
48	ESTUDO DE METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS: OLHE O DEGRAU	
52	ETAPA 2 : ESTUDO DO TERRITÓRIO	
54	IV. FOZ DO IGUAÇU: PAISAGEM OBSERVADA X PAISAGEM VIVENCIADA	
58	HISTÓRICO DE CONFORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA	
64	INFLUÊNCIA DOS GRANDES PROJETOS URBANOS NO PLANEJAMENTO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	
67	RELAÇÃO ENTRE O TURISMO E OS ESPAÇOS DE LAZER	
	ETAPA 3 : ESTUDO DA PAISAGEM	70
	V. METODOLOGIA DE LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL	72
	VI. A PRAÇA	80
	CARACTERIZAÇÃO GERAL	81
	LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA DA PAZ	94
	VII. O PARQUE	108
	CARACTERIZAÇÃO GERAL	109
	LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DO PARQUE MONJOLO	120
	VIII. INDICAÇÕES GERAIS PARA A PAISAGEM CULTURAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE FOZ DO IGUAÇU	132
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
	REFERÊNCIAS	138

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende contribuir com reflexões sobre as formas de produção e apropriação da paisagem fronteiriça e interiorana da cidade de Foz do Iguaçu, dando ênfase aos espaços públicos. É resultado de discussões desenvolvidas ao longo da graduação, influenciadas pela leitura crítica apresentada pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA.

Tem como área de análise a cidade de Foz do Iguaçu, que está localizada em uma região onde se sobrepõe duas formas diferentes de produção e apropriação da paisagem: a nível regional e a nível internacional. A primeira tem como influência a dinâmica interiorana da mesorregião do oeste paranaense, composta por mais de 50 municípios, entre eles Medianeira, Cascavel, Toledo e Marechal Cândido Rondon. A segunda é influenciada pela dinâmica da região da Tríplice fronteira, composta juntamente com as cidades de Puerto Iguazú, na Argentina, e Ciudad del Este, Presidente Franco, Hernandarias e Minga Guazú, no Paraguai (ANGILELI; ASSUMPÇÃO, 2021, p. 201), sendo esta considerada uma das fronteiras mais importantes da América do Sul em termos de infraestrutura, fluxo de pessoas e mercadorias e relações internacionais (GIMENEZ et. al., 2018, p. 149).



Essa constante interlocução entre os países da fronteira proporciona a Foz do Iguaçu a construção de um território multicultural, no qual a grande diversidade de culturas, etnias e modos de vida, se refletem na diversidade culinária, de idiomas, religião, danças, músicas, entre outros, e principalmente, na conformação da sua paisagem. Neste sentido, surgem alguns questionamentos, principalmente sob a perspectiva da paisagem dos espaços de uso público:

Como os diferentes grupos culturais se apropriam da paisagem dos espaços públicos de lazer? Quais são os elementos físicos e simbólicos que configuram a paisagem desses espaços públicos de lazer? Como o estudo da arquitetura, urbanismo e paisagismo pode contribuir para melhorar a qualidade desses espaços?

Estes questionamentos são o ponto de partida para o desenvolvimento desta investigação, que possui como tema principal:

O estudo da paisagem cultural de Foz do Iguaçu, a partir de uma leitura da diversidade de usos, apropriação e resignificação dos espaços públicos.

A investigação se justifica considerando a relevância do tema e a contribuição para a área de arquitetura, urbanismo e paisagismo, bem como para os estudos relacionados a temática de paisagem cultural. Se baseia na compreensão de que a paisagem se configura a partir de aspectos simbólicos que se materializam em um espaço físico, sendo constantemente resignificada de acordo com os diferentes olhares e percepções atribuídos sobre ela. Assim, a diversidade cultural presente em um determinado lugar se traduz na diversidade de uso e apropriação dessa paisagem.

A identificação das expressões culturais presentes na paisagem dos espaços públicos de Foz do Iguaçu se faz necessária porque contribui para o conhecimento, debate e visibilidade da paisagem multicultural produzida na cidade. Este mapeamento é realizado a partir da leitura da paisagem dos espaços de uso público, especialmente dos espaços de lazer, uma vez que são locais vivenciados e apropriados pela população em seu cotidiano, e portanto, estão diretamente inseridos em seu modo de vida.

Cabe ressaltar que o processo de identificação e classificação da paisagem requer uma discussão multidisciplinar sobre o conceito de paisagem, estimulando a interlocução de abordagens e aproximando a discussão entre as áreas do eixo de arquitetura, urbanismo e paisagismo com diferentes áreas do conhecimento, como a geografia, história, filosofia, entre outros.

A investigação também busca promover uma reflexão mais ampla sobre a função social dos espaços produzidos na cidade de Foz do Iguaçu. Incentiva a participação popular na produção do território e no direito igualitário no acesso a cidade e aos seus serviços. Ressalta a importância da universidade atuante em conformidade com os interesses da sociedade e em prol da melhoria da qualidade de vida da população. Promove a democratização da educação e a interlocução do conhecimento científico e dos saberes populares, valorizando a experiência empírica e o estudo da arquitetura, paisagem e urbanismo a partir de diferentes perspectivas e pontos de vista.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Deste modo, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral a leitura da paisagem cultural dos espaços públicos de lazer de Foz do Iguaçu, de modo a dar visibilidade e suporte à diversidade cultural presente na cidade.

Os objetivos específicos da investigação estão definidos de modo a orientar os procedimentos metodológicos, visando alcançar os resultados pretendidos nesta pesquisa. Assim, estão divididos em:

- 1 – Compreender os principais conceitos, abordagens e aplicações relacionados a paisagem cultural e espaço público urbano;
- 2 – Compreender a conformação e influência sobre a paisagem dos espaços públicos de Foz do Iguaçu;
- 3 – Mapear e selecionar os principais espaços públicos de lazer apropriados pela população de Foz do Iguaçu;
- 4 – Identificar a qualidade física e simbólica da paisagem dos espaços públicos de lazer selecionados, de modo a compreender como eles influenciam na apropriação pela população.
- 5 – Elaborar indicações gerais para a paisagem dos espaços públicos de lazer estudados.

Para que seja possível alcançar o 1º objetivo específico se realiza um estudo de autores com diferentes abordagens e a partir da análise das áreas do conhecimento que se aprofundem em leituras sobre paisagem cultural e espaço público urbano. Igualmente, se estuda casos correlatos ao tema abordado e que podem ajudar no desenvolvimento da pesquisa, bem como no processo de identificação, classificação e representação de paisagens culturais nos países latino-americanos.

Em sequência, para alcançar o 2º objetivo específico, realiza-se uma investigação sobre o histórico de conformação da paisagem de Foz do Iguaçu, bem como dos processos e influências atuais que norteiam o desenho e planejamento dos espaços públicos da cidade e sua paisagem.

Para o 3º objetivo específico, se realiza um mapeamento dos principais espaços públicos de lazer de Foz do Iguaçu, sendo eles praças e parques caracterizados pela relevante apropriação pela população da cidade. Para isso, se considera seu potencial de articulação com os bairros e as residências, em outras palavras, busca-se selecionar espaços que estejam presentes no dia-a-dia dos moradores.

O 4º objetivo específico busca a identificação da qualidade física e simbólica da paisagem dos parques e praças selecionados. Deste modo, se realiza uma pesquisa de campo para compreender melhor os fatores que influenciam os modos de uso e apropriação das pessoas nesses espaços, sendo feito inicialmente de forma participativa através de um questionário baseado na metodologia do Cidades Ativas (2016) e do Guia dos Espaços Públicos (2016). Também se realiza um levantamento perceptivo e fotográfico, de modo a identificar as características culturais e simbólicas que agregam valor na paisagem desses espaços públicos de lazer.

A participação da comunidade se dará por meio do questionário elaborado com a intenção de alcançar uma maior aproximação e compreensão da paisagem cultural dos espaços públicos a partir dos diferentes olhares de seus moradores, valorizando suas experiências e vivências diárias nestes locais. Deste modo, há um incentivo à troca entre os saberes populares e acadêmicos, no qual o conhecimento e a aprendizagem é construída de forma coletiva e colaborativa.

Como objetivo específico final, busca-se sintetizar os estudos realizados apresentando potencialidades e deficiências, bem como indicações gerais para a paisagem cultural dos espaços públicos de lazer de Foz do Iguaçu.

A tabela a seguir apresenta a relação entre os objetivos específicos e procedimentos metodológicos que guiam esta investigação, igualmente, a divisão por etapas de pesquisa e construção da dissertação.

TABELA 1. Relação de objetivos específicos e procedimentos metodológicos

ETAPA 1: ESTUDO CONCEITUAL E METODOLÓGICO	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
1- Compreender os principais conceitos, abordagens e aplicações relacionados a paisagem, cultura e espaço público urbano.	• Estudo dos principais autores, com diferentes abordagens e áreas do conhecimento que se aprofundem em leituras sobre paisagem, cultura e espaço público urbano.
	• Estudo de casos correlatos com relação ao tema abordado e que podem ajudar no processo de identificação, classificação e representação de paisagens culturais nos países latino-americanos.
ETAPA 2: ESTUDO DO TERRITÓRIO	
2 - Compreender a conformação e influência sobre a paisagem dos espaços públicos de Foz do Iguaçu.	• Investigação sobre o histórico de conformação da paisagem de Foz do Iguaçu.
	• Investigação sobre processos e influências atuais que norteiam o desenho e planejamento dos espaços públicos da cidade e sua paisagem.
ETAPA 3: ESTUDO DA PAISAGEM	
3 - Mapear e selecionar os principais espaços públicos de lazer apropriados pela população de Foz do Iguaçu;	• Mapeamento dos principais espaços públicos de lazer de Foz do Iguaçu, sendo eles parques e praças, caracterizados pela relevante apropriação pela população da cidade.
4 - Identificar a qualidade física e simbólica da paisagem dos espaços públicos de lazer selecionados, de modo a compreender como eles influenciam na apropriação pela população.	• Levantamento participativo dos fatores físicos e simbólicos que influenciam o uso e apropriação das pessoas nos parques e praças selecionados, realizado por meio de um questionário baseado na metodologia do Cidades Ativas (2016) e do Guia dos Espaços Públicos (2016).
	• Levantamento perceptivo, a partir de fotografias e peças gráficas, de modo a identificar as características culturais e simbólicas que agregam valor na paisagem.
5 - Elaborar indicações gerais para a paisagem dos espaços públicos de lazer estudados.	• Síntese dos estudos realizados com indicações gerais para a paisagem dos principais espaços públicos de lazer.
	• Elaboração de material gráfico sobre a paisagem dos espaços públicos de lazer.

ETAPA 1: ESTUDO CONCEITUAL E METODOLÓGICO

conceitos e abordagens sobre paisagem
cultural e espaço público urbano

I - PAISAGEM CULTURAL: UM OLHAR MULTIDISCIPLINAR

Há diferentes abordagens a respeito do conceito de paisagem cultural, possuindo uma variação de acordo da área do conhecimento no qual se faz a leitura. Entretanto, de um modo geral, a paisagem cultural é entendida como resultado das ações do ser humano no meio natural e todas as suas modificações.

Donald W. Meinig (1976) apresenta seus estudos em “O olho que observa: dez versões da mesma cena”, no qual interpreta a paisagem a partir de dez leituras distintas: como natureza, como habitat, como artefato, como sistema, como problema, como riqueza, como ideologia, como história, como lugar e como estética (MEINIG, 1976 apud RIBEIRO, 2007, p. 9). Já Ribeiro (2007), entende que,

“[...] A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, locus de interação entre a materialidade e as representações simbólicas” (RIBEIRO, 2007, p. 9).

Essa diversidade conceitual sobre a paisagem implica igualmente no resultado alcançado no processo de análise, identificação e classificação da mesma, uma vez que cada área do conhecimento direciona sua metodologia segundo suas ideias e concepções iniciais. Ribeiro aclara a importância de se realizar um estudo aprofundado de abordagens sobre a paisagem, com o objetivo de evitar uma análise superficial, declara

“[...] a adoção de qualquer concepção de paisagem necessita ser realizada a partir de um embasamento teórico mais consistente, sob pena de realizarmos um trabalho de pesquisa e de atribuição de valor superficial. [...] as escolhas realizadas na definição da noção de paisagem, em qualquer trabalho, interferirão no seu resultado final, pois a adoção de uma abordagem em detrimento de outra deve, invariavelmente, levar a diferentes conclusões em pesquisa sobre um mesmo objeto” (RIBEIRO, 2007, p. 14).

Deste modo, busca-se realizar um breve panorama sobre diferentes concepções a respeito do conceito de paisagem cultural, entendendo também como áreas diversas do conhecimento orientam seus estudos sobre e como essas discussões contribuem e podem contribuir para o estudo de paisagem na área de Arquitetura e Urbanismo.

PAISAGEM E PERSPECTIVA

A filósofa francesa Anne Cauquelin descreve, no livro *A invenção da paisagem* (2000), sobre a concepção de paisagem a partir de noções filosóficas e estéticas. Segundo a autora, a história da arte ocidental, principalmente da pintura renascentista, influenciou diretamente a nossa percepção visual do espaço como paisagem.

“Como pode ocorrer que, em um domínio tão restrito – tela, madeira, paredes, cores –, aquilo que os pintores da Renascença fabricaram tenha se tornado a própria escrita de nossa percepção visual? Teriam eles projetado uma espécie de máquina de olhar a paisagem, ou melhor, de fazê-la aparecer em um lugar onde ela não tinha a mínima razão de ser, impondo-a assim como o único olhar possível para a natureza e em vista da mesma?” (CAUQUELIN, 2007, p. 77).

“Parece bem pouco verossímil que uma simples técnica – é verdade que longamente regulada – possa transformar a visão global que temos das coisas: a visão que mantemos da natureza, a ideia que fazemos das distâncias das proporções, da simetria. Mas é preciso render-nos à evidência: o mundo de antes da perspectiva legítima não é o mesmo em que vivemos no Ocidente desde o século XV” (CAUQUELIN, 2007, p. 38).

As leis de perspectiva renascentista, que possibilitaram a representação de um espaço tridimensional em uma superfície plana, também definiram critérios de identificação e leitura desse espaço selecionado, recortado e enquadrado como paisagem. Segundo Cauquelin, a concepção da paisagem é, então, resultado de um método de leitura que toma regras de distanciamento, pontos de fuga, horizonte, sequência de planos, progressão, proporção e enquadramento, no qual sua construção ocorre de forma simbólica e pitoresca.

Este método de leitura da paisagem tem como característica principal o afastamento do observador, no qual o conceito de paisagem se confunde com o da própria natureza, que passa a ser entendida como pano de fundo, meio, cenário para uma narrativa e não como elemento significativo. A relação estabelecida entre o observador e a paisagem, portanto, é baseada no controle e no consumo dessa mesma, sem estabelecer uma relação de igualdade.

A perspectiva da paisagem revela a paisagem como um recorte específico da natureza, que é selecionado arbitrariamente, baseado em preceitos eurocêntricos e hierárquicos que definem nossa percepção visual do que é paisagem e o que não é.



FIGURA 01 - Pintura de perspectiva renascentista "Escola de Atenas", 1509-1510. SANZIO, Rafael. FONTE: Wikipedia (2022).

MORFOLOGIA DA PAISAGEM

Na área da geografia, em especial do ramo da geografia cultural, há diversas abordagens a respeito do conceito de paisagem cultural e sua diferenciação da paisagem natural, sendo as duas principais leituras: a partir da análise dos aspectos físicos e da análise dos aspectos simbólicos da paisagem.

Carl Sauer, geógrafo americano e precursor da geografia cultural saueriana ou Escola de Berkeley, apresenta a paisagem como elemento de unidade da geografia, uma vez que considera que “o último agente que modifica a superfície da Terra é o homem” (SAUER, 1997, p. 03) e, portanto, os geógrafos deveriam se concentrar em analisar e compreender as impressões humanas sobre o ambiente.

“A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fato de base física e fatos da cultura humana” (SAUER, 1998, p. 29).

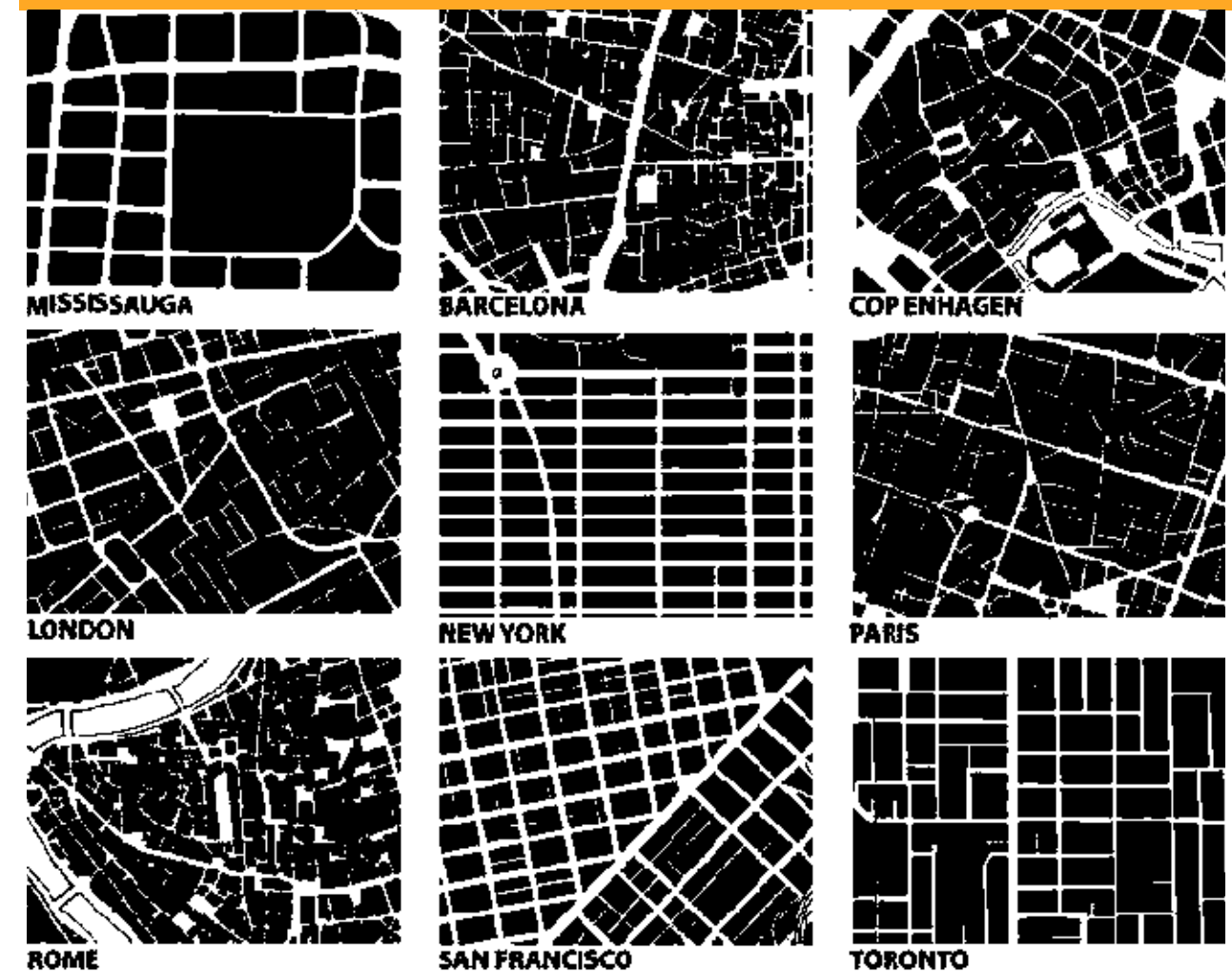
Em sua obra *A morfologia da paisagem* (obra original de 1925), Sauer define a paisagem como uma área em que um conjunto de formas naturais e culturais se associam, interagem entre si e criam uma relação de interdependência ao longo do tempo, desenvolvendo funções específicas que estruturam morfologicamente esta paisagem. A paisagem constitui, assim, em uma unidade orgânica ou quase orgânica, em que função e estrutura são elementos principais. E a associação entre outras paisagem formam um sistema geral. Neste contexto, a cultura seria a responsável por modelar os elementos naturais, como Sauer declara que “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1998, p. 59).

Sauer baseia seu entendimento de cultura nos estudos do antropólogo Alfred Kroeber, que define a cultura como o meio pelo qual os seres humanos desenvolvem adaptações aos diferentes ambientes naturais, sendo estas reproduzidas igualmente entre todos os indivíduos que compartilham a mesma estrutura cultural. Essa teoria foi denominada posteriormente como determinismo cultural, uma vez que considera a cultura como uma “entidade abstrata, supraorgânica, sem agentes sociais concretos, sendo gerado um quadro harmonioso: a paisagem cultural” (CORRÊA, 2014, p. 41).

Deste modo, Sauer reconhece as dimensões estéticas e subjetivas da paisagem cultural, mas acredita que o método de classificação deve buscar generalizações e se concentrar nos aspectos objetivos do espaço físico. Essa seleção de características genéricas da paisagem é realizada a partir da interpretação do geógrafo, que sintetiza os elementos da forma e os dispõe em sequência de desenvolvimento.

“A agregação e o ordenamento dos fenômenos como formas que estão integradas em estruturas e o estudo comparativo dos dados dessa maneira organizados constituem o método morfológico de síntese, um específico método empírico” (SAUER, 1998, p. 30).

FIGURA 02 - Estudos de morfologia urbana em cidades dos Estados Unidos e Europa. FONTE: Del Rio (1990).



O estudo morfológico é um método de leitura da paisagem cultural, uma vez que se concentra em analisar os elementos formais e estruturais que descrevem os processos de modificações humanas no meio natural.

PAISAGEM E SIMBOLISMO

Em oposição à leitura da paisagem cultural a partir de uma análise morfológica, o geógrafo inglês Denis Cosgrove apresenta a necessidade de se estudar a paisagem cultural sob uma visão mais subjetiva: através da interpretação de seus significados. Esta interpretação entende que a paisagem é composta por simbolismos, uma vez que o ser humano imprime nela suas manifestações culturais através da linguagem, símbolos e expressões. Como declara COSGROVE (2004), "todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem" (COSGROVE, 2004, p. 108).

Cosgrove apresenta, assim, a metáfora da paisagem como um texto a ser lido, com a possibilidade de múltiplas interpretações simultâneas e igualmente válidas. Neste sentido, a paisagem é ressignificada de acordo com os diferentes olhares sobre ela, sendo o trabalho da geografia aprender a ler seus significados.

"As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da geografia mais interessante está em decodificá-las. [...] Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós" (COSGROVE, 2004, p. 121).

O método de classificação da paisagem elaborado por Cosgrove identifica 2 formas diferentes de produção e apropriação da paisagem: a paisagem dominante e as paisagens alternativas, sendo elas repletas de significados que nem sempre estão visíveis, mas que definem um comportamento específico de um grupo cultural.

A paisagem dominante é construída por um grupo dominante e é o meio pelo o qual este grupo exerce e reproduz o seu poder, dado através da imposição da sua experiência e visão de mundo. Como afirma o autor: "o poder é expresso e mantido na reprodução da cultura" (COSGROVE, 2004, p. 108).

Um exemplo a ser considerado é o traçado retilíneo das vias e superquadras de cidades planejadas como Brasília. O Plano Piloto, projeto urbanístico elaborado por Lúcio Costa em 1957, tem influências modernistas, no qual a organização espacial é definida a partir de um eixo principal, local onde estão situados os edifícios governamentais construídos em escala monumental, sendo um demonstrativo de poder e controle sobre os seus habitantes.

FIGURA 03 - Vista aérea do Plano Piloto de Brasília. FONTE: Google satélite (2022)



As paisagens alternativas são produzidas por grupos não dominantes e deste modo possuem menor visibilidade. Podem ser subdivididas em: paisagens residuais, que representam resquícios de uma história cultural ressignificada na contemporaneidade; paisagens emergentes, de grupos em formação e transitórios que se opõem à cultura

dominante e tendem a serem mais utópicas e/ou futurísticas; e, paisagens dos excluídos, construídos pelas minorias sociais e pela população marginalizada, geralmente desprezados pela cultura dominante.

Podem ser considerados como paisagem dos excluídos as favelas e bairros periféricos de grandes centros urbanos, uma vez que possuem uma organização espacial adaptada ao modo de vida da população local, que geralmente se opõe ao desenho urbano tradicional. Também há uma estrutura de comunicação própria entre os moradores, através de símbolos, linguagens e comportamentos, que são constantemente reproduzidos e expressos na paisagem (através do graffiti e do pixie por exemplo).



FIGURA 04 - Complexo da Penha/RJ. FONTE: Estadão (2010).

O estudo da paisagem a partir de seu simbolismo e significados revela uma paisagem cultural que é múltipla e cambiante, influenciada pelas mais diversas olhares e percepções sobre ela.

PAISAGEM CULTURAL E PATRIMÔNIO

A adoção do conceito de paisagem cultural como patrimônio sugere uma abordagem multidisciplinar em respeito a sua classificação e identificação. Deste modo, se realiza uma breve descrição sobre como algumas instituições internacionais de preservação e salvaguarda patrimonial têm incorporado o conceito de paisagem cultural e quais são os critérios para sua seleção. Inicia-se com a institucionalização da categoria de Paisagem Cultural pela UNESCO, em 1992, e as discussões e experiências complementares sobre o tema em encontros internacionais, como o Conselho de Ministros da União da Europa Ocidental, em 1995, e a Convenção Europeia da Paisagem, em 2000.

Durante o 16º Comitê do Patrimônio Mundial, realizado em 1992, a UNESCO incorpora as Paisagens Culturais como uma categoria dentro da Lista do Patrimônio Cultural Mundial, definindo-as como:

“As paisagens culturais são bens culturais e representam as obras conjugadas do homem e da natureza. Ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, externas e internas” (UNESCO, In: Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial, 2012, p. 70).

Os critérios para sua seleção consideram seu valor universal excepcional e seu caráter representativo dos elementos culturais, essenciais e distintos, referentes a uma determinada região cultural (RIBEIRO, 2007). Sendo assim, estão analisados a partir de três classificações principais:

- 1- Paisagem Claramente Definida: é aquela construída intencionalmente pelo homem, projetada por motivações estéticas ou religiosas, podendo ser a associação de espaços livres e edificados.
- 2- Paisagem Organicamente Evoluída: é resultado de um processo evolutivo em sua forma e composição, que reflete as modificações feitas pelos seres humanos para se adaptarem ao meio natural. Esta, por sua vez, está subdividida em: Paisagem relíquia ou fóssil, que teve

seu processo evolutivo interrompido, mas que mantêm suas características essenciais visíveis no espaço físico; e Paisagem contínua ou viva, que dá continuidade ao seu processo evolutivo, com evidências de sua evolução ao longo dos anos e conservando seu papel ativo na sociedade atual e nos modos de vida tradicional.

- 3- Paisagem cultural associativa, é aquela que associa fortemente aspectos culturais, artísticos e/ou religiosos ao meio natural, não sendo necessário sua materialização no espaço (UNESCO, In: Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial, 2012, p. 70-71).

Ribeiro (2007), faz uma análise sobre a base teórica para a eleição desses três tipos de classificação de Paisagem Cultural pela UNESCO, evidenciando uma referência aos estudos de paisagem de geógrafos como Carl Sauer e Denis Cosgrove, igualmente a própria concepção de paisagem dentro da área de Arquitetura, Paisagismo e Urbanismo.

“O estabelecimento das três diferentes subcategorias segundo as quais as paisagens culturais poderiam ser reconhecidas parece uma tentativa de englobar diferentes correntes. Assim, enquanto a paisagem evoluída organicamente traz em si uma matriz saueriana muito forte, através da perspectiva evolucionista e historicista, dando ênfase na forma como o homem construiu determinada paisagem ao longo do tempo, a paisagem associativa parte de uma matriz que valoriza em primeiro lugar as associações culturais feitas em torno de determinada paisagem, abordagem que, na geografia cultural, passou a ser valorizada a partir de seu movimento de renovação que teve início na década de 1980. Já a categoria chamada de paisagem claramente definida parece estar muito mais ligada a uma tradição do paisagismo e da arquitetura da paisagem” (RIBEIRO, 2007, p. 112).

Em 2012, a cidade do Rio de Janeiro foi reconhecida pela UNESCO como Paisagem Cultural Mundial, sendo a primeira paisagem urbana na categoria. É classificada como Paisagem Organicamente Evoluída - Paisagem Contínua, devido ao entendimento de que a cidade foi desenvolvida a partir da constante interação entre o homem e a natureza, resultando em paisagens como o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Floresta da Tijuca, o Aterro do Flamengo, o Jardim Botânico, a praia de Copacabana, a Baía de Guanabara, o Forte e o Morro do Leme, o Forte de Copacabana e o Arpoador, o Parque do Flamengo e a enseada de Botafogo (ARCHDAILY, 2016).



FIGURA 05 - Vista da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Riotur (2014).

Outro exemplo de política de proteção da paisagem cultural a nível internacional, que acrescenta ao debate sobre sua definição e identificação, é o documento Recomendação R(95), que trata “Sobre a conservação integrada de áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas”, apresentado na Convenção Europeia da Paisagem, do Conselho da Europa, em 2000. Nesse documento, a abordagem sobre paisagem considera um triplo significado cultural: a percepção do território; os testemunhos do passado e do relacionamento entre os indivíduos e o meio; e as especificidades das culturas locais, práticas, crenças e tradições (FIGUEIREDO, 2013, p. 87).

Diferente da concepção de Paisagem Cultural creditada pela UNESCO, a Convenção Europeia da Paisagem inclui em sua política de preservação da paisagem todas aquelas identificadas como cruciais para a qualidade de vida da população, sem a necessidade de possuir um valor excepcional único, podendo ser áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas (RIBEIRO, 2007, p. 53). Também se promove a participação ativa dos moradores nas decisões das políticas públicas de preservação para o meio em que estão inseridos, por meio de ações realizadas a nível local e regional. Dois exemplos de Paisagens Culturais reconhecidas pela Convenção Europeia da Paisagem são:

FIGURA 06 - Corredores verdes de Kotka, Finlândia. FONTE: Conselho da Europa (2021).



FIGURA 07 - Parque multifuncional em Limassol, Chipre. FONTE: Conselho da Europa (2021).



Os corredores verdes do Parque Urbano Nacional de Kotka, na Finlândia, abrangem uma área de 2.675 hectares e conecta os locais e bairros mais importantes da cidade de Kotka, criando percursos fáceis e ecológicos, intercalados com áreas de lazer e relaxamento. Constitui, assim, em um conjunto diverso de paisagens, com componentes naturais e culturais, com uso sustentável do solo que contribui para a qualidade de vida diária e bem-estar da população (CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM, 2021, p. 21).

O Parque multifuncional em Limassol, no Chipre, é resultado de um projeto de recuperação de áreas costeiras que visa proteger os edifícios contra a erosão provenientes do mar. Sua construção contempla ações sustentáveis, como o plantio de espécies nativas resistentes a altas temperaturas e um sistema de reuso de água para irrigação, reconhecidas como fonte de inspiração pela Convenção Europeia (CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM, 2021, p. 31).

O entendimento de paisagem cultural como patrimônio visa reconhecer e valorizar as paisagens identificadas como resultado positivo das expressões culturais, crenças, tradições e modos de vida locais e sua convivência harmoniosa com a natureza.

II - ESPAÇO PÚBLICO E AS RELAÇÕES DO COTIDIANO

As definições sobre espaços públicos urbanos são bastante abrangentes. De um modo geral, é compreendido como todos os espaços da cidade de uso coletivo e acesso livre à população, podendo ser abertos ou não.

Para o arquiteto e urbanista Silvio Macedo et al. (2009), a principal importância dos espaços públicos urbanos, principalmente os espaços livres como a rua, praça e parque, está no seu potencial de manifestar a esfera da vida pública. Neste sentido, o autor entende os espaços públicos como potencializadores de “toda a produção cultural, a construção da cidadania, do interesse público, do bem público constituído socialmente diante do conflito de interesses individuais ou de grupos” (MACEDO, 2009, p. 3).

Isso só é possível porque o espaço público permite o “ver e ser visto por todos”, que justamente é esse intercâmbio de opiniões e perspectivas fundamental para o crescimento enquanto indivíduo e sociedade. Diferente da esfera da vida privada, onde as relações cotidianas ocorrem em um mesmo núcleo e é um reflexo e/ou multiplicação do próprio indivíduo.

Queiroga (2011) reafirma esse entendimento ao comparar que, enquanto a vida privada tem como suporte os espaços construídos, igualmente a vida pública se desenvolve, principalmente, a partir dos espaços públicos livres, que seriam os locais com a “maior acessibilidade e capacidade para receber a diversidade, a pluralidade e o imprevisto, características de uma esfera pública mais rica” (QUEIROGA, 2011, p. 31).

Para Gomes (2018), o termo espaço público geralmente se associa a certas formas físicas, entretanto, essas formas só ganham significado a partir das vivências e das relações que nelas se dão (GOMES, 2018, p. 115). Assim, o espaço público não é só físico, mas também é simbólico e político, como declara autores como Serpa (2004) e Borja (2003).

Para o geógrafo e urbanista Jordi Borja, o espaço público possui um sentido urbanístico, político e cultural. Urbanístico considerando o potencial dos espaços públicos de ordenar os usos, funções e serviços urbanos, sendo principalmente o potencial de “criar lugares”, como cita o autor. Também declara que o espaço público “há de ser um espaço da continuidade e da diferenciação, ordenador do bairro, articulador da cidade, estruturador da região urbana” (BORJA, 2003, p. 52).

Possui sentido político porque o espaço público é o “espaço da expressão coletiva, da vida comunitária, do encontro e do intercâmbio de cotidianos” (BORJA, 2003, p. 53). Em outras palavras, o espaço público é onde as diferenças sociais se encontram e se mescla, e portanto, está repleto de interesse político. E igualmente cultural, sendo o espaço das manifestações históricas e de identidades coletivas.

O geógrafo Ângelo Serpa compreende os espaços públicos como espaço de ação política, uma vez que eles têm sido incorporados em uma lógica de mercadoria para o consumo seletivo da população. Assim, apesar de ser acessível a todos, a apropriação e acesso a esses espaços é desigual, segregada e hierarquizada pelos diferentes grupos e agentes sociais (SERPA, 2004, p. 9-10).

Essa apropriação, ou acessibilidade, não é somente física como é simbólica, através do que o autor define como “territorialização do espaço”. Esse termo está relacionado a práticas e comportamentos, criados muitas vezes por grupos e classes dominantes, que servem de barreiras invisíveis sobre o espaço público, dividindo, controlando e limitando encontros entre o diferente (SERPA, 2004, p.36).

“Diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica. Visto assim, acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente, que atua na territorialização (e, na maior parte dos casos, na privatização) dos espaços públicos urbanos” (SERPA, 2004, p. 20).

Portanto, o espaço público pode ser um importante indicador de qualidade da vida urbana, refletindo como se direciona o planejamento de uma cidade, uma vez que é a partir dos espaços públicos que se configura as vivências e dinâmicas urbanas cotidianas. Jacobs (2011) apresenta essa reflexão, declarando que analisar as ruas e as calçadas de uma cidade é analisar a própria cidade, como observa:

“Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona. [...] Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas” (JACOBS, 2011, p. 30).

Há diversas iniciativas que apresentam ferramentas para análise e projeção de espaços públicos livres qualificados em todo o mundo. Uma delas é a Project for Public Spaces – PPS, organização não governamental estadunidense, que apresenta o

conceito de Placemaking (na tradução direta, “fazer lugares”).

Criado em 1990, após 15 anos de experiência em análise do espaço público, o Placemaking se baseia em conceitos propostos por Jane Jacobs e William H. Whyte sobre cidades ativas, convidativas, seguras e confortáveis, que estimulam a interação entre as pessoas e o espaço e promovem comunidades mais saudáveis e felizes (PPS, 2007). Deste modo, a PPS acredita que um espaço público de qualidade deve ser construído considerando as particularidades físicas, culturais e sociais locais, tendo como metodologia a análise com base 4 atributos qualitativos fundamentais:

1– ACESSOS E CONEXÕES: O espaço oferece acessibilidade e conectividade física e visual, que permite que ele seja utilizado por todas as pessoas igualmente, de forma segura e autônoma. Algumas questões a serem consideradas na análise:

- "Você pode ver o espaço de uma distância considerável? Você vê o que acontece dentro do espaço mesmo estando longe dele?
- Há uma boa conexão entre o espaço e os edifícios ao redor? As pessoas dos edifícios ao redor usam o espaço?
- As pessoas podem caminhar facilmente até o local?
- As calçadas levam para as áreas adjacentes?
- O espaço é acessível para pessoas com necessidades especiais?
- As ruas e os caminhos do espaço levam as pessoas onde eles realmente querem ir?
- As pessoas podem usar uma variedade de opções de transporte – trem, ônibus, carro, bicicleta, etc. – para chegar ao local?
- Os semáforos estão convenientemente localizados próximos a destinos como bibliotecas, correios, entrada do parque/prça, etc.?” (PPS apud Guia do Espaço Público, 2015, p. 21).

2– CONFORTO E IMAGEM: Reúne características que tornam o espaço confortável e convidativo, que despertem o interesse e incentivem à permanência. Questões a serem consideradas na análise:

- "A primeira impressão do espaço é positiva?
- As pessoas estão tirando fotos? Há muitas oportunidades de fotos disponíveis?

- Existem lugares suficientes para sentar? São lugares convenientemente localizados?
- As pessoas têm uma escolha de lugares para sentar, seja no sol ou na sombra?
- São espaços limpos e sem lixo? Quem é responsável pela manutenção? O que eles fazem? Quando?
- A área é segura? Existem seguranças no espaço? Se assim for, o que eles fazem? Quando eles estão de plantão?" (PPS apud Guia do Espaço Público, 2015, p. 28).

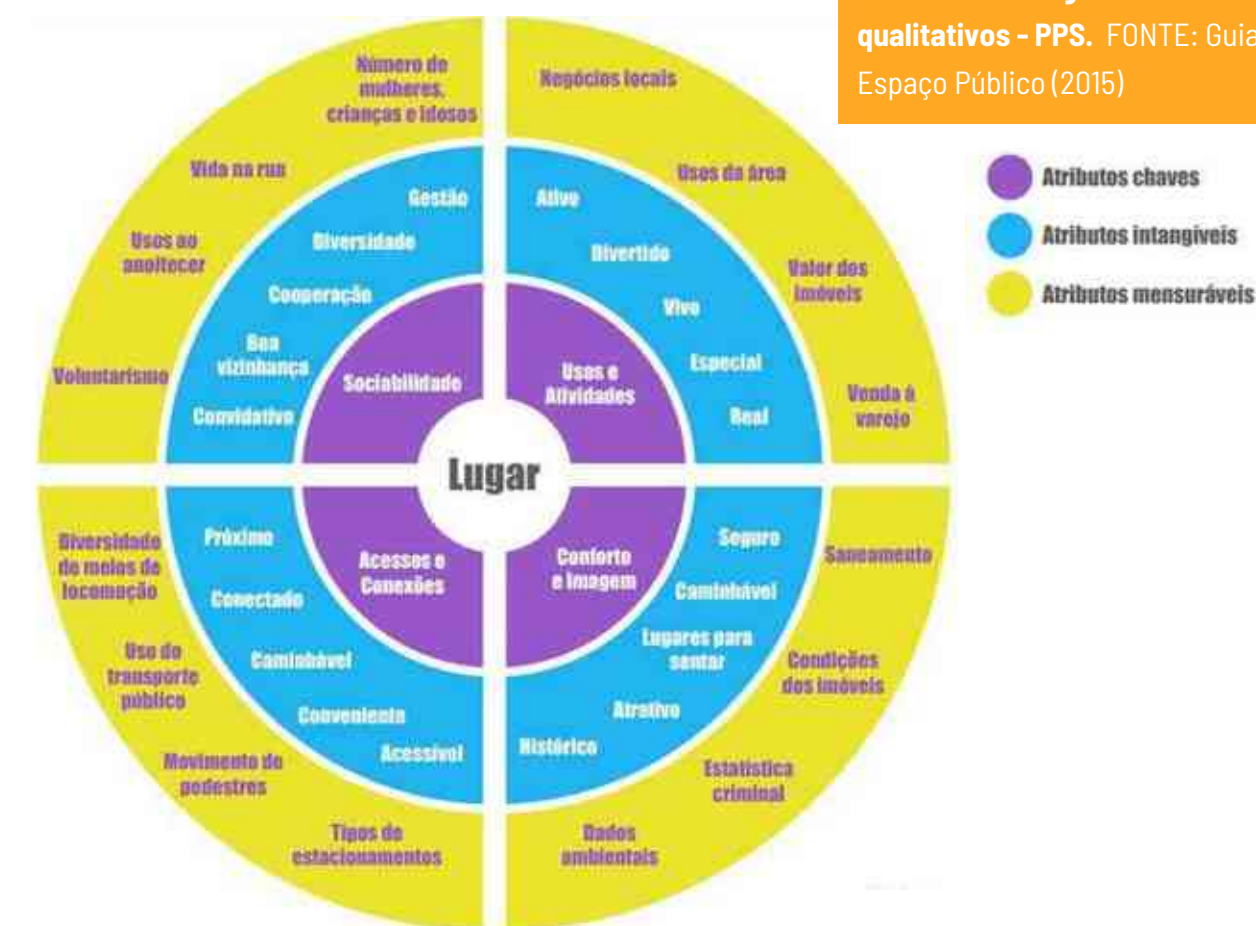
3- USOS E ATIVIDADES: Possibilita diferentes opções de atividades e formas de usar o espaço, tornando um local ativo e dinâmico. Questões a serem consideradas na análise:

- "As pessoas estão usando o espaço ou ele está vazio?
- É usado por pessoas de diferentes idades?
- Quantos tipos diferentes de atividades estão ocorrendo – pessoas andando, comendo, jogando futebol, xadrez, relaxando, lendo?
- Quais partes do espaço estão sendo utilizadas e quais não estão?
- Existe uma presença de gestão, ou você identifica que qualquer pessoa é responsável pelo espaço?" (PPS apud Guia do Espaço Público, 2015, p. 34).

4- SOCIABILIDADE: Estimula a interação entre as pessoas, possibilitando encontros e trocas sociais. Questões a serem consideradas na análise:

- "As pessoas estão em grupos? Eles estão conversando um com o outro?
- As pessoas parecem se conhecer, por nome ou de vista?
- Será que as pessoas trazem seus amigos e parentes para ver o lugar ou mostrar alguma de suas características com orgulho?
- As pessoas estão sorrindo?
- As pessoas fazem contato visual com o outro?
- Será que as pessoas usam o local regularmente e por escolha própria?
- Existe uma mistura de idades e grupos étnicos que geralmente refletem a comunidade em geral?" (PPS apud Guia do Espaço Público, 2015, p. 45).

FIGURA 08 - Diagrama de atributos qualitativos - PPS. FONTE: Guia do Espaço Público (2015)



Igualmente Ben Rogers, no artigo "Em defesa da rua: 10 princípios para espaços públicos", sugere 10 princípios para os espaços públicos, com o objetivo de requalificar os espaços através da amplificação dos estímulos e experiências do lugar, refletindo a cultura e a história local (WRI BRASIL, 2017). São eles:

- 1- Diversidade de usos:** considera um espaço que mescle o uso residencial e comercial, oferecendo atividades e serviços diversos que possibilitem a apropriação e permanência do mais variado público e em todos os turnos do dia.
- 2- Fachadas ativas:** estimulam a comunicação direta entre a rua e a calçada com os edifícios - entre o espaço público e o espaço privado - fortalecendo a interação e conexão visual entre os moradores e os pedestres e aumentando a sensação de segurança.



- 3- Escala humana: considera a necessidade do espaço público ser construído a partir da perspectiva do pedestre, com dinamismo e estímulo visual, de modo que incentive a apropriação pela população.
- 4- Ruas completas: são ruas planejadas e bem equipadas, visando a circulação e uso seguro e confortável para todos os pedestres, motoristas, ciclistas e demais usuários.
- 5- Iluminação: uma iluminação pública eficiente e implantada na escala do pedestre e do ciclista, garantindo a utilização do espaço público mesmo em períodos sem luz natural e aumentando a sua segurança.
- 6- Dimensão social e vitalidade urbana: considera o potencial do espaço público em fortalecer práticas sociais, de intercâmbio entre culturas, raças, gênero, idades, classe social, nacionalidades, etc. É um instrumento que ajuda a diminuir a desigualdade social nas cidades, e deve ser implantado em todas as zonas da cidade, sejam elas centrais ou periféricas, garantindo o acesso a toda a população.
- 7- Participação social: envolve a participação dos moradores no planejamento e gestão dos espaços públicos, bem como no próprio desenho da cidade, fazendo com que esses espaços reflitam os interesses e demandas de cada comunidade.
- 8- Identidade local: está relacionado ao potencial do espaço público de refletir as especificidades culturais da comunidade em que se localiza, de modo que os moradores se identifiquem e o insira em suas práticas cotidianas.
- 9- Fomento à economia local: espaços públicos que fortaleçam o desenvolvimento da economia local, como o comércio de bairros, pequenos empreendedores, artistas, artesãos, etc.
- 10- Áreas verdes: de modo a contribuir para a qualidade do ar, drenagem urbana e manutenção da biodiversidade, e igualmente incentivar práticas mais sustentáveis.

Alguns exemplos de espaços públicos de qualidade são:

Localizado em uma área de grande densidade populacional na zona norte do Rio de Janeiro, o Parque da Madureira é um parque linear com extensão de 109 mil m², percorrendo 6 bairros da cidade e com previsão de expansão. De acordo com ARCHDAILY (2021), foi projetado pelo escritório de arquitetura Ruy Rezende Arquitetos, baseado no programa de educação sócio-ambiental desenvolvido pela prefeitura e com participação popular, tendo como objetivo promover a recuperação ambiental, requalificação urbana e valorização da comunidade.

Deste modo, além de possuir um programa de usos diversos, com espaços para atividades esportivas, culturais e de lazer, o parque também combina soluções diversas de sustentabilidade, como sistema de irrigação por sensor, reúso de água, paredes e tetos verdes, reflorestação de plantas nativas, energia solar, pavimentos drenantes, entre outros, evidenciando o impacto positivo na qualidade de vida dos moradores da região.

Considerando a alta demanda por equipamentos públicos de lazer e áreas verdes, a implantação do parque resultou em uma apropriação bastante significativa pela população, recebendo a média de 25 mil pessoas durante os fins de semanas.

FIGURA 10 - Parque Madureira/RJ. FONTE: ARCHDAILY (2021).



FIGURA 11 - Cantinho do Céu/SP. FONTE: ARCHDAILY (2013).



A urbanização do Complexo Cantinho do Céu, localizado no distrito de Grajaú na cidade de São Paulo, é resultado de um projeto de requalificação de uma zona periférica e de risco ambiental da represa Billings (ARCHDAILY, 2013).

Seu projeto apresenta preocupação com o manejo sustentável da água e proteção das áreas de preservação, sendo realizado através de um sistema de drenagem e escoamento de água e esgoto, de modo a evitar a erosão do solo e inundações. Além de possuir áreas diversas, com usos fixos ou flexíveis, destinadas ao lazer, esporte, cultura e contemplação à represa, também propõe melhorias à qualidade de vida dos moradores do entorno, regularizando bairros informais e readequando a infraestrutura urbana, com a implantação de um sistema viário apropriado à realidade local, iluminação pública, mobiliários e equipamentos básicos.

Espaços públicos de qualidade refletem no acesso à cidade de forma mais igualitária e inclusiva, no qual o planejamento urbano se direciona ao combate à desigualdade e segregação socioespacial e à preservação ambiental, incentivando as interações e manifestações populares.

III - ESTUDOS DE CASOS CORRELATOS

Os estudos de casos correlatos tem como objetivo compreender como, em outros contextos, se trabalhou os temas aqui estudados, de modo a auxiliar o desenvolvimento da pesquisa. Neste caso, está dividido em duas partes: estudo da paisagem e estudo de metodologia de avaliação de espaços públicos.

ESTUDO DA PAISAGEM: DESVELANDO A PAISAGEM DE PARANAPIACABA

Desvelando a Paisagem da Vila Ferroviária de Paranapiacaba (2018) é uma tese de doutorado apresentada por Elaine Moraes de Albuquerque à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), no qual busca compreender a “paisagem vivida pelas pessoas no seu dia-a-dia” (ALBUQUERQUE, 2018, p. 23). Considera, deste modo, a paisagem como um elemento principal para o planejamento das cidades, uma vez que está diretamente relacionada à qualidade de vida da população.

A paisagem da Vila Ferroviária de Paranapiacaba, em Santo André/SP, é estudada a partir das complexidades do cotidiano e das vivências dos moradores e visitantes, em outras palavras, considerando os diversos significados e compreensões próprias de quem a vivencia. Neste sentido, o estudo da paisagem busca se aprofundar nas diferentes perspectivas e pontos de vista sobre o lugar, sendo realizado por meio de uma metodologia participativa e de expedições etnográficas, no qual a investigação se constrói de modo coletivo e colaborativo. Como explica a autora,

"A paisagem vivida é complexa e não pode ser compreendida puramente por uma única visão, pois se define nos entrecruzamentos de múltiplas e distintas dimensões. Por essa razão, ouvir os que vivenciam aquela paisagem foi o modo adotado para ficar o mais rente possível do movimento que a constitui." (ALBUQUERQUE, 2018, p. 156)

A metodologia participativa ocorre em dois momentos: por meio de entrevistas com agentes locais e discussões em grupo com os moradores, de modo a identificar as convergências e divergências de percepções e sentimentos sobre a Vila de Paranapiacaba.

III - ESTUDOS DE CASOS CORRELATOS

As “entrevistas em profundidade”, como é nomeado pela autora, são realizadas com agentes públicos locais, trabalhadores na área de gestão da Vila de Paranapiacaba, no qual se incentiva a aproximação, intimidade e confidencialidade sobre questões, principalmente, técnicas sobre a Vila.

Já as discussões em grupo são realizadas por moradores locais, sendo incentivados a compartilhar e refletir sobre as suas ideias, sentimentos, desejos e aspirações para a Vila de Paranapiacaba. Deste modo, os moradores contribuem com relatos pessoais sobre sua história de vida e a relação com a Vila, registros afetivos com o lugar e interações e vivências com a paisagem.

Ainda que a intenção inicial da autora era que os agentes públicos contribuíssem com uma discussão mais técnica e os moradores com uma visão do cotidiano, ao final da investigação, foi possível perceber que todos demonstraram uma aproximação muito pessoal com a paisagem, demonstrando diversos vínculos simbólicos resultantes do envolvimento direto e ativo com ela.

Como parte da metodologia etnográfica, foram realizadas expedições urbanas em que a autora e outros visitantes buscam compreender as diferentes temporalidades e modos de morar através da leitura e percepção sensível da paisagem. Este levantamento demonstra como as vivências cotidianas ampliam o entendimento sobre o lugar, no qual a paisagem afeta e é afetada por aqueles que a vivenciam.

O estudo sensível da paisagem aproxima e amplia o entendimento sobre ela, revelando a pluralidade de significados, de modos de habitar e sentimentos derivados através da vivência pessoal e particular de cada um.



FIGURA 12 - Levantamento fotográfico sensível da paisagem de Paranapiacaba. Fonte: Albuquerque (2018).

ESTUDO DE METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS: OLHE O DEGRAU

O projeto *Olhe o Degrau* é resultado de uma parceria entre o Instituto Cidade em Movimento (IVM) e a organização social Cidade Ativa, com o objetivo de promover uma reflexão sobre o espaço público e a mobilidade qualificada para pedestres nas cidades. Com enfoque em escadarias e passagens inclinadas, considera o potencial desses espaços de servirem como conectores importantes entre bairros, ao mesmo passo em que possibilita o encontro e troca entre os moradores e usuários (CIDADE ATIVA, 2016).

De acordo com o relatório elaborado pela Cidade Ativa (2016), o diagnóstico foi desenvolvido no distrito Jardim Ângela, na zona sul de São Paulo, no qual foram realizados mapeamentos e levantamentos de dados quantitativos e qualitativos sobre as principais escadarias da região.

Inicialmente, foram mapeadas 14 escadarias através de uma ferramenta online de mapeamento colaborativo, onde os moradores indicavam as que faziam parte do seu percurso diário. Após esse mapeamento, foram distribuídas fichas avaliativas para que os moradores e a equipe técnica do Cidade Ativa pudessem avaliar as condições das escadarias a partir de 7 critérios principais. Os critérios tomam como referência estudos desenvolvidos por Gehl (2013) e Active Design Guidelines (NYC, 2013) sobre a análise do espaço em relação ao seu uso, sendo eles:

- 1- **Segurança**, considera os diversos fatores que contribuem para que os usuários sintam-se seguros, incluindo desde a visibilidade e iluminação até a vigilância natural garantida pela troca de olhares e a relação entre as escadarias e o espaço privado.

Parâmetros avaliados: Presença de um grande número de pessoas; Iluminação natural e iluminação pública; Visibilidade entre espaços; Entradas e aberturas nas fachadas do entorno; Usos comerciais e residenciais abertos para escada.

- 2- **Proteção**, considera o potencial dos espaços de garantir o uso seguro e protegido a seus usuários, o que inclui a manutenção do espaço e a proteção contra intempéries.

Parâmetros avaliados: Ausência de obstáculos; Arborização; Regularidade do piso e dos degraus; Presença de corrimão; Materiais adequados para diversos usos e usuários; Manutenção adequada do espaço; Presença de beirais ou marquises.

- 3- **Acessibilidade**, considera o uso confortável, acessível e seguro a maior diversidade de pessoas, com diretrizes de acessibilidade e desenho universal;

Parâmetros avaliados: Ausência de obstáculos; Pavimentação adequada; Regularidade do piso e dos degraus; Presença de corrimão; Presença de faixa contínua na lateral da escadaria; Sinalização visual e tátil.

- 4- **Versatilidade**, relacionado a capacidade do espaço atender a usos, atividades e usuários variados em diferentes horários do dia, de modo a incentivar seu uso contínuo.

Parâmetros avaliados: Variedade de tipos de espaços/zonas; Patamares amplos e/ou versáteis; Presença de mobiliário para atividades diversificadas; Atividades temporárias programadas; Diversidade de usos no entorno; Variedade de usuários; Usos 24h no entorno; Diferentes atividades ao longo do dia; Espaços definidos para permanência; Espaços específicos para usuários de diversas idades e habilidades.

- 5- **Atratividade**, relacionado a qualidade do espaço de ser atrativo e interessante, a partir de uma percepção sensorial, incentivando a permanência dos usuários;

Parâmetros avaliados: Conservação e limpeza do espaço; Vistas para paisagem e fachadas interessantes no entorno; Mobiliário com design atraente; Respeito à escala humana; Espaços e equipamentos lúdicos; Uso de materiais com diferentes cores e texturas; Elementos que possibilitam experiências sensoriais.

- 6- **Conectividade**, considera a capacidade do espaço de estar presente no cotidiano dos usuários, conectado com os equipamentos e serviços urbanos, bem como ao sistema de mobilidade da cidade;

Parâmetros avaliados: Metrô/trem/corredor de ônibus em raio de 500m; Equipamentos e serviços públicos em raio de 200m; Parques e praças em raio de 500m; Proximidade com ciclovia/ciclofaixa; Malha urbana legível e/ou quadras com pequenas dimensões.

- 7- Resiliência e sustentabilidade, considerando a capacidade de responder às mudanças climáticas, à gestão de resíduos, água e energia e ao consumo de recursos naturais, seguindo os preceitos de cidade eficiente e sustentável.

Parâmetros avaliados: Grelhas e/ou canaletas para drenagem; Conservação e limpeza do espaço; Arborização; Piso drenante; Áreas permeáveis; Lixeiras; Iluminação natural adequada; Sistemas alternativos de abastecimento de água e energia ou gestão de resíduos.

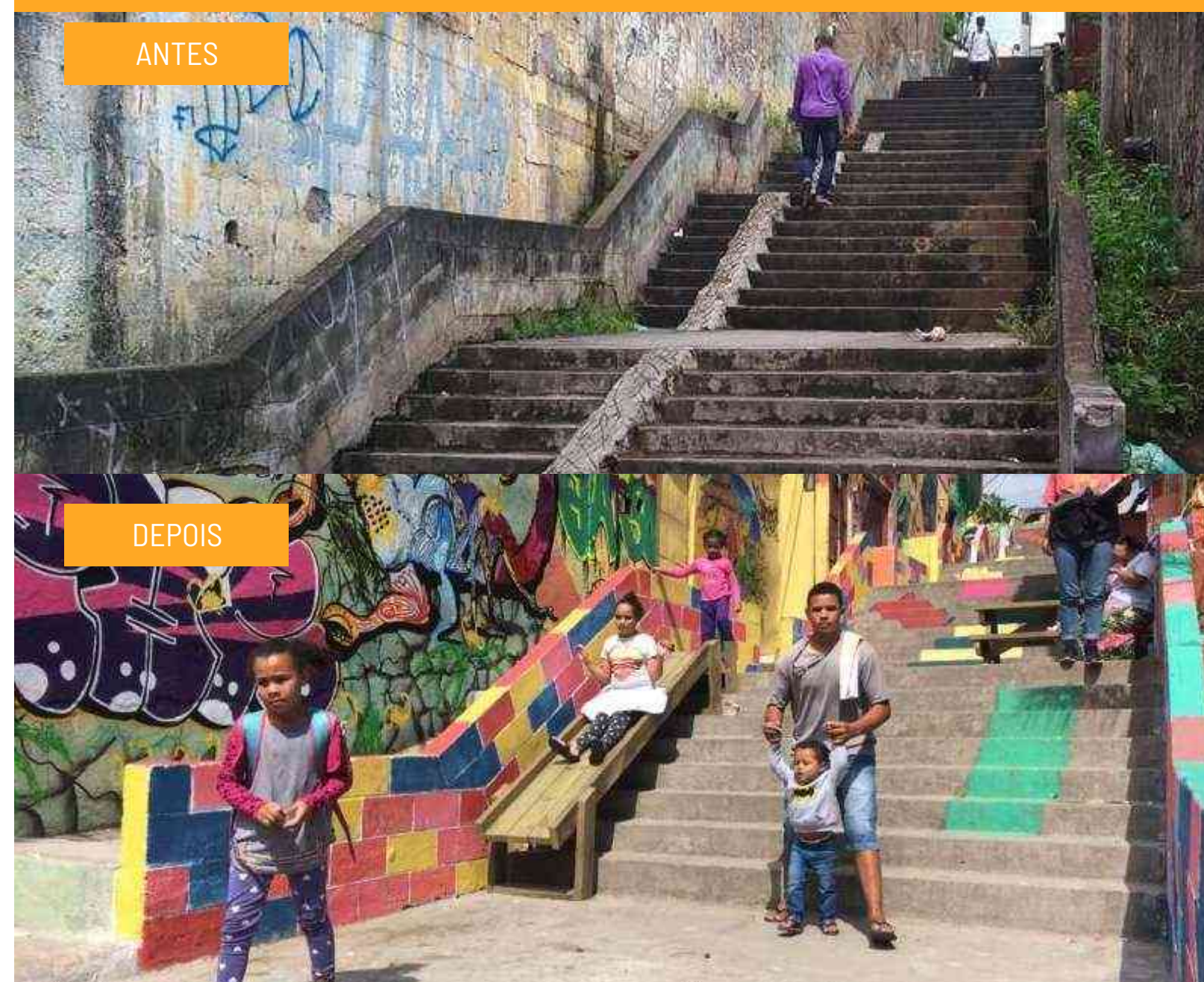
FIGURA 13 - Modelo de ficha de avaliação das escadarias. FONTE: Cidade Ativa (2016).

FIGURA 14 - Ficha de avaliação da escadaria Nakamura. FONTE: Cidade Ativa (2016).

A equipe do Cidade Ativa também realizou avaliações técnicas e perceptivas através de medições quantitativas de fluxos e permanência, levantamentos de conservação e entrevistas com os moradores. Após avaliação, constatou-se que todas as escadarias possuíam deficiências básicas de infraestrutura, sendo escolhidas quatro delas para a elaboração de um projeto de intervenção urbano participativo. Entre elas está o Passo do Jardim Nakamura que, por ser caminho à uma escola próxima, utilizou-se a metodologia Block by Block junto a 23 estudantes que utilizaram o Minecraft para projetar melhorias para a escadaria (CIDADE ATIVA, 2016).

Trabalhando em conjunto com a comunidade, foi possível transformar as escadas em um espaço de lazer e descanso para os moradores, aumentando consideravelmente a permanência e segurança no local.

FIGURA 15 e 16 - Passo Jardim Nakamura antes e após intervenção, no Jardim Ângela/SP. FONTE: Cidade Ativa (2016).



ETAPA 2: ESTUDO DO TERRITÓRIO

conformação e influências sobre a
paisagem dos espaços públicos de
lazer de Foz do Iguaçu

IV - FOZ DO IGUAÇU: PAISAGEM OBSERVADA X PAISAGEM VIVENCIADA

O Município de Foz do Iguaçu está localizado no extremo oeste do Estado Paraná e é a 2ª cidade de fronteira com a maior população do Brasil (CENSO IBGE/2010). Integra a região urbana conhecida como Tríplíce Fronteira, juntamente com Puerto Iguazú, na Argentina, e as cidades de Ciudad del Este, Presidente Franco, Hernandarias e Minga Guazú, no Paraguai. É um importante destino turístico nacional e internacional, uma vez que a cidade abriga as Cataratas do Iguaçu, consideradas como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO (1986) e a 2ª maior usina hidrelétrica do mundo, a Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional.

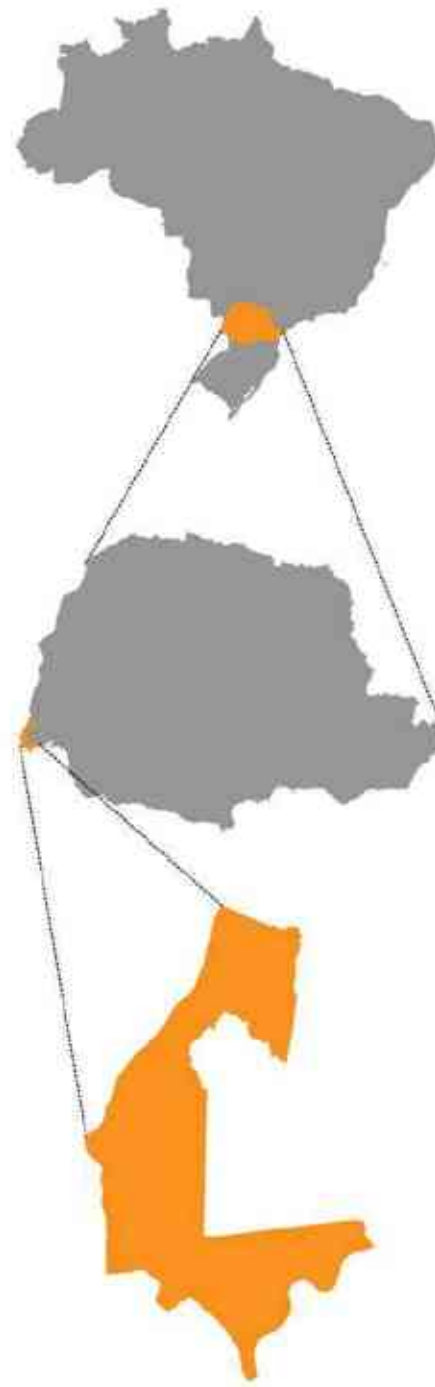
Para compreender melhor a dimensão da área de estudo, atualmente, estima-se que a região da Tríplíce Fronteira possui aproximadamente 902 mil habitantes (Segundo dados do IBGE/2010 para Foz do Iguaçu, INDEC/2010 para Puerto Iguazú e INE/2010 para as cidades paraguaias). De acordo com um estudo sobre trânsito de pessoas e veículos (UDC, 2018), calcula-se que mais de 100 mil pessoas transitam diariamente pela Ponte da Amizade - Brasil/Paraguai e pela Ponte Tancredo Neves - Brasil/Argentina.

Esta é considerada uma das fronteiras mais importantes da América do Sul, em questão de infraestrutura, fluxo de pessoas e mercadorias e relações internacionais (GIMENEZ et. al, 2018). Conforme análise de docentes da UNILA, no artigo "A Tríplíce Fronteira como região: dimensões internacionais" a articulação entre os três países pode ser caracterizada como uma "dinâmica local de dimensão global", no sentido que,

"Na dimensão local, trata-se de uma região internacional articulada sobre a qual atuam fluxos de pessoas e mercadorias em larga escala. Na dimensão global, trata-se de uma região periférica para a geopolítica mundial, mas inserida na agenda de segurança internacional por conta dos desdobramentos dos fluxos de pessoas e mercadorias." (GIMENEZ et. al., 2018, p. 149)

A seguir, busca-se compreender como a constante interlocução cultural presente na região da Tríplíce Fronteira, especialmente em Foz do Iguaçu, se reflete na paisagem dos espaços públicos da cidade. Para tal, realiza-se um recorrido desde o processo histórico de conformação da paisagem, as influências atuais que direcionam o planejamento e desenho dos espaços públicos urbanos, fazendo um paralelo entre a cidade que é apresentada e observada pelos turistas e a que é vivenciada cotidianamente pelos seus moradores.

IV - FOZ DO IGUAÇU: PAISAGEM OBSERVADA X PAISAGEM VIVENCIADA



FONTE: IBGE (Censo 2010) - modificado pela autora

Área de estudo: Município de Foz do Iguaçu, localizado a externo oeste do Estado do Paraná/Brasil e em região de fronteira com o Paraguai e Argentina, conhecida como a Tríplíce Fronteira.



Sistema de coordenadas UTM - SIRGAS 2000
Fonte da base cartográfica:
IBGE (Censo 2010) / Google Earth (2022)
Elaboração: Julia Lima, 2022

HISTÓRICO DE CONFORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA

Segundo o PDDIS/FOZ - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável de Foz do Iguaçu (2016), a formação urbana do Município de Foz do Iguaçu tem origem militar, com a fundação da Colônia Militar em 1889, após a Guerra do Paraguai. Estima-se que até o início do século XX residiam 2 mil pessoas na região, sendo principalmente paraguaios, brasileiros e argentinos.

Em 1910, a Colônia torna-se distrito do Município de Guarapuava, com o nome de Vila Iguaçu. Após dois anos, o Ministro da Guerra emancipa a Colônia Militar, que passa a condição de povoamento civil sob governança do Estado do Paraná. Em 14 de março de 1914, é criado o Município Vila Iguaçu, pela Lei Estadual nº 1383, e em 10 de junho deste mesmo ano, toma posse o primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng. Em 1918, o Município passa a se chamar Foz do Iguaçu (PDDIS/FOZ, 2016, v. I, p. 46-47).

O PDDIS/FOZ divide a história da cidade a partir de cinco períodos importantes de crescimento econômico e populacional - considera-se também de mudanças e conformação da paisagem. Este, entre 1870 e 1970, é o primeiro, no qual a principal atividade econômica era baseada na extração de madeira e o cultivo de erva-mate.

O segundo período marcante da história e crescimento de Foz do Iguaçu foi entre 1970 e 1980, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional (Brasil-Paraguai). Considerada uma obra de grande porte para a região naquele momento, a construção da hidrelétrica mobilizou milhares de trabalhadores, provenientes principalmente dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso, quadruplicando a população da cidade (PDDIS/FOZ, 2016, v. I, p. 47 e 134).

Este feito foi responsável por uma reestruturação urbana acelerada, com grandes obras de infraestrutura e loteamentos, que alterou significativamente a paisagem e a morfologia urbana de Foz do Iguaçu. Também contribuiu para o crescimento do isolamento socioespacial na cidade, uma vez que foram criadas vilas operárias afastadas entre si e do centro, limitando a comunicação entre os trabalhadores da Usina e os moradores de Foz do Iguaçu (RAMMÉ, 2020).



FIGURA 17 - Av. Brasil, centro de Foz do Iguaçu, durante os anos 70. FONTE: Blog Terrinha da águas Foz (2009).



FIGURA 18 - Vila operária de Itaipu: Vila C, em 1977. FONTE: Blog Terrinha da águas Foz (2009).



FIGURA 19 - Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. FONTE: Blog Terrinha da águas Foz (2009).

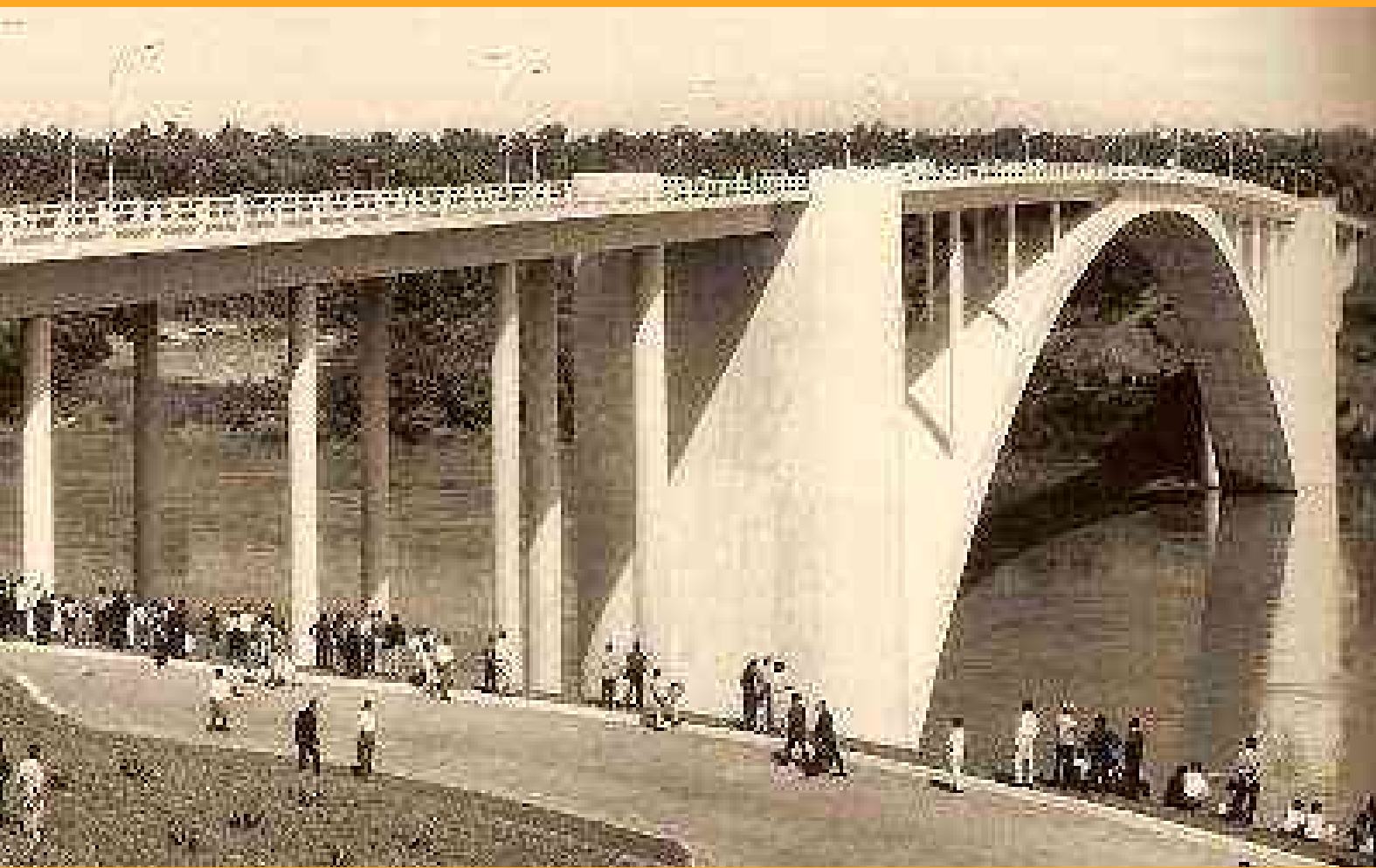


FIGURA 20 - Ponte da Amizade BR-PY, década de 70. FONTE: Blog Terrinha da águas Foz (2009).

De acordo com o PDDIS/FOZ (2016), a conclusão das obras de Itaipu, gerou um grande nível de desigualdade e miséria nos bairros, já que os trabalhadores perderam seu vínculo empregatício e não conseguiram manter o padrão de vida pela falta de demanda de trabalho (PDDIS/FOZ, 2016, v. I, p. 137).

Quanto à economia, este período foi marcado pela forte inflação dos custos e serviços e pela redução da produção agrícola, devido às inundações das áreas cultivadas. É neste momento também que se fortifica as relações entre Brasil e Paraguai e se consolida a fronteira entre os dois países.

O terceiro período, de 1980 a 1995, é marcado pelo desenvolvimento comercial entre Brasil e Paraguai e pela expansão da exportação de mercadorias e do turismo de compras. Neste momento, houve um novo fluxo de visitantes atraídos pelo comércio de Ciudad del Este, que exigiu uma rápida adaptação de Foz do Iguaçu a essa dinâmica, principalmente nos bairros do entorno da Ponte Internacional da Amizade (Brasil-Paraguai), onde a concentração de atividades contribuiu para o aumento da ocupação desigual e da carência de infraestrutura e serviços (PDDIS/FOZ, 2016, v. I, p. 48).

Neste período também há uma grande aproximação do Brasil com a Argentina, com a inauguração da Ponte Internacional Tancredo Neves (Brasil-Argentina), em 1985, e a declaração das Cataratas do Iguaçu - localizada entre o Parque Nacional do Iguaçu/BR e o Parque Nacional Iguazú/AR e administrada por ambos - como Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, em 1986.

O quarto período, classificado pelo PDDIS/FOZ (2016), ocorre entre 1995 e 2003, com a consolidação do MERCOSUL, que marca uma abertura econômica do mercado brasileiro aos países que compõem o bloco - Argentina, Paraguai e Uruguai - e outros países associados. Com essa aproximação das relações políticas e comerciais a nível nacional, em Foz do Iguaçu tem como consequência a diminuição da exportação e do turismo de compras regional. Expande-se, assim, o desenvolvimento de uma economia informal, aumentando as ocupações irregulares e favelas por toda a extensão da cidade (PDDIS/FOZ, 2016, v. I, p. 49).

No entanto, o Plano analisa que o fato de Foz do Iguaçu estar em uma localização privilegiada no centro do Mercosul, possibilita um crescimento econômico e a atração de novos investidores na cidade, visto principalmente nos anos seguintes.

Por fim, o quinto período, de 2003 até os dias atuais, é caracterizado pelo investimento no setor turístico e o aumento do setor educacional, com a implantação do PTI - Polo Tecnológico de Itaipu, em 2006, e de universidades e institutos federais, como o Campus Foz do Iguaçu da IFPR, em 2008, e a fundação de UNILA, em 2012 (PDDIS/FOZ, 2016, v. I, p. 50). Neste sentido, de um lado, há a criação de grandes projetos urbanísticos, que super valorizam determinadas áreas da cidade, expandindo o mercado imobiliário e contribuindo para o processo de gentrificação e expulsão da população mais pobre para áreas periféricas. Por outro lado, há um novo movimento de migração na cidade, caracterizado pela vinda de estudantes de todas as regiões do Brasil e da América Latina, que passam a morar em bairros da periferia (próximo às universidades), mudando a dinâmica local e resultando em um choque cultural entre os moradores novos e os antigos.

Atualmente, o constante crescimento populacional e a ampliação na integração entre os países da Tríplice Fronteira resulta na região a estimativa de quase 1 milhão de habitantes, com o fluxo de cerca de 100 mil pessoas diariamente (como já mencionado), requisitando, assim, em novas formas de organização e planejamento urbano e de sua paisagem.

Como leitura da paisagem, é possível analisar Foz do Iguaçu como resultado de uma sobreposição de dinâmicas territoriais e de desenho urbano. Inicialmente se caracteriza uma dinâmica a nível internacional, que resulta em uma forma específica de produção e apropriação da paisagem, influenciada pelo grande incentivo turístico e de integração internacional, valorizando determinadas áreas urbanas. Ao mesmo tempo, se sobrepõe uma outra dinâmica territorial, esta a nível regional, com influências interioranas da Mesorregião do Oeste Paranaense (ANGILELI; ASSUMPÇÃO, 2021, p. 201).

O artigo “A UNILA e o papel da universidade periférica” descreve esse conflito de dinâmicas territoriais, no qual caracteriza a disputa fundiária como elemento chave na conformação da cidade, sendo ela manifestada em 4 escalas diferentes:

“I) entre países, como na Guerra da Tríplice Aliança; II) entre posseiros, povos originários e grandes empreendimentos de infraestrutura, como na implantação da Itaipu Binacional; III) entre posseiros, povos originários e o agronegócio com a mecanização do campo; IV) entre os grandes projetos de requalificação urbana e turística e os moradores(es) de favelas e de ocupações da região” (ANGILELI; ASSUMPÇÃO, 2021, p. 204).

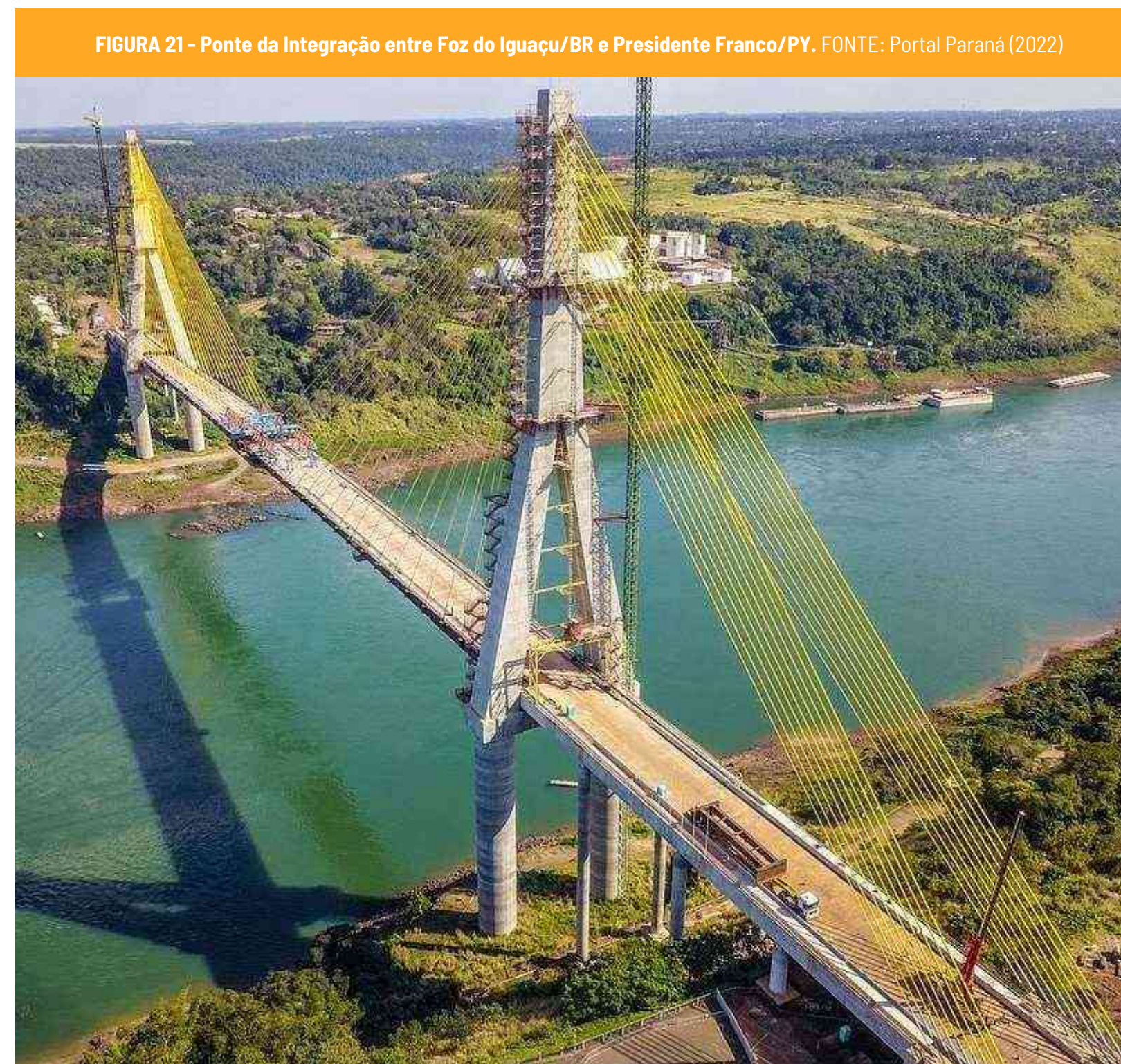


FIGURA 21 - Ponte da Integração entre Foz do Iguaçu/BR e Presidente Franco/PY. FONTE: Portal Paraná (2022)

A presente investigação pretende se concentrar na 4ª escala de produção territorial, de modo a compreender como os megaprojetos urbanísticos e turísticos propostos para Foz do Iguaçu desenham os espaços urbanos e a paisagem, redirecionando o planejamento da cidade.

INFLUÊNCIA DOS GRANDES PROJETOS URBANOS NO PLANEJAMENTO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Para compreender melhor como o incentivo às megas intervenções urbanísticas influenciam no desenho da cidade, e consequentemente, dos espaços públicos, analisa-se o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável de Foz do Iguaçu - PDDIS/FOZ, elaborado em 2016. O volume III do Plano Diretor define as diretrizes e proposições para o planejamento estratégico do desenvolvimento e expansão urbana de Foz do Iguaçu, no qual observa-se algumas considerações.

Nota-se um direcionamento das políticas públicas para as áreas centrais e de interesse turístico, no qual são priorizadas em lugar de outras problemáticas sociais presentes, principalmente, nos bairros periféricos da cidade. Inclusive, o PEU - Plano Estratégico Urbanístico, que compõe o Plano Diretor, afirma que sua intenção é “assegurar para Foz do Iguaçu um processo de revitalização no centro da cidade, organizar o desenvolvimento urbano e prepará-la para o futuro” (PDDIS/FOZ, 2016, v.III, p. 85).

Para tal, o planejamento da cidade é incentivado a partir do desenvolvimento de projetos com parceria público-privado, principalmente com a Itaipu Binacional, sendo que uma das diretrizes gerais do PDDIS/FOZ é “fomentar a integração ITAIPU - Município, através da participação da comunidade e do poder público junto a ITAIPU Binacional e que reflitam diretamente sobre o ambiente urbano” (PDDIS/FOZ, 2016, v.III, p. 50).

Um dos mencionados é o Projeto Beira Foz, que é um plano de urbanização linear para as margens dos Rios Paraná e Iguaçu, no qual se prevê ações urbanísticas, habitacionais e turísticas, por meio de operações urbanas consorciadas e parcerias público-privadas, envolvendo principalmente a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu e a Itaipu Binacional.

O Masterplan Beira Foz (2014) reúne o diagnóstico e as proposições que norteiam o projeto, tendo como objetivo principal solucionar alguns dos problemas urbanos diagnosticados em Foz do Iguaçu e promover a segurança nas margens de fronteira, recuperar nascentes e zonas de proteção ambiental, incentivar programas de inclusão social, ampliar a oferta de turismo e desenvolvimento socioeconômico.

Algumas soluções propostas incluem a implantação de trilhas e ciclovias que percorrem a extensão dos rios, sendo integradas com parques e áreas de lazer, zonas residenciais de médio e alto padrão, zonas comerciais e espaços culturais e turísticos.

No Masterplan, essas propostas são demonstradas por meio de mapas, vistas aéreas e graficações em 3D, no qual é possível compreender melhor o projeto. Percebe-se um grande contraste entre a área de implantação e o entorno existente, principalmente referente ao gabarito e a forma das novas edificações, observando assim, um grande impacto na paisagem urbana. Em alguns locais, o projeto se sobrepõe a áreas que são atualmente edificadas, porém, não há esclarecimento sobre quais são os usos do solo nessas áreas e qual seria o plano de desapropriação e reassentamento, como é possível ver nas figuras 15 e 16.



FIGURA 22 e 23 - Projeto Beira Foz em 3D e vista aérea. FONTE: Masterplan - ARUP (2014).

De acordo com ANGILELI et. al (2021), grandes projetos de infraestrutura e de empreendimentos, que frequentemente são apresentados como fatores de desenvolvimento urbano e econômico para a cidade, muitas vezes, são responsáveis por impactos sociais e ambientais não calculados, que afeta principalmente a população mais pobre da cidade (ANGILELI et. al, 2021, p. 01).

Neste contexto, aparece o conceito de cidade mercadoria. Segundo VAINER (2002), é caracterizada por um planejamento urbano em que a cidade passa a ser um produto à venda, tendo como principal interesse atrair investidores e, portanto, atender às demandas do mercado privado e não as necessidades locais.

Isso resulta na especulação imobiliária, que é favorável para os grandes empreendimentos, mas que expulsa, direta ou indiretamente, a população mais vulnerável para as zonas periféricas e de risco ambiental - processo conhecido como gentrificação, onde a infraestrutura e serviços urbanos são escassos, contribuindo pela segregação sócioespacial dessa grande parcela da população (VAINER, 2002 apud ANGILELI et. al, 2021, p. 04).

VAINER pontua também que, geralmente, esses projetos visam uma tipologia específica de construção e um desenho de desenvolvimento urbano que é padronizado e que dificilmente dialoga com seu entorno (VAINER, 2002 apud ANGILELI et. al, 2021, p. 04). Comparando ao Projeto Beira Foz, igualmente é possível perceber uma proposta de solução urbanística e arquitetônica padronizada, que segue um modelo tipológico internacional que muitas vezes se afasta da realidade local, beneficiando uma parcela específica da população, porém, impactando diretamente a parcela mais desfavorecida, resultado, assim, em uma melhoria seletiva dos espaços da cidade.

É importante entender os costumes locais e as formas de utilização dos espaços urbanos pela perspectiva de seus moradores, de modo a oferecer uma boa proposta de espaços urbanos e habitacionais que visam uma melhoria da qualidade de vida de todos e que cumpram a função social dos espaços da cidade, correspondendo aos interesses do coletivo.

RELAÇÃO ENTRE O TURISMO E OS ESPAÇOS DE LAZER

Percebe-se que há uma preferência do setor público de Foz do Iguaçu na realização de parcerias público-privadas para o desenvolvimento de espaços da cidade, definindo, assim, o desenho e público desses espaços. Igualmente, há um direcionamento importante do Plano Diretor em relação ao desenvolvimento turístico de Foz do Iguaçu. O PEU - Plano Estratégico Urbanístico menciona que 2 dos 3 princípios estratégicos do plano são de interesse turístico.

“- Continuar como um dos destinos turísticos mais visitados do Brasil; - Converter-se na primeira cidade do Brasil a ter uma plataforma integrada de Turismo com “zonas especiais de interesse turístico”; - Incorporar as atividades de logística como um setor de desenvolvimento urbano” (PDDIS/FOZ, 2016, v.III, p. 85).

Atualmente, Foz do Iguaçu é uma dos principais destinos nacionais e internacionais, sendo o 2º destino nacional mais visitado por brasileiros (segundo a pesquisa realizada pelo Mtur, 2021) e o 3º destino nacional mais procurado por estrangeiros (segundo a pesquisa realizada pela Booking, 2022).

De acordo com os dados da SMTU/FOZ - Secretaria Municipal de Turismo e Projetos Estratégicos, somente neste ano a cidade recebeu um fluxo turístico de mais de 1 milhão de visitantes, sendo que destes 57,6% são brasileiros e 42,4% são turistas internacionais, tendo como as nacionalidades mais frequentes a Argentina com 25,2%, Paraguai com 3% e Estados Unidos com 2,25%.

Deste modo, os principais espaços de lazer na cidade são de finalidade turística e gerenciados por iniciativa privada, sendo eles: Circuito de visitação de Itaipu (1984), Cataratas do Iguaçu (concessão de 1996), Parque das Aves (1994), Dreams Park Show (2014), Marco das Três Fronteiras (2016), Movie Cars (2021) e Roda-gigante Yup Star (2021). Destes, quatro foram construídos - ou reinaugurados no caso do Marco - nos últimos 10 anos. Além disso, há a previsão de um novo atrativo turístico na cidade em 2024, o AquaFoz, além da previsão de expansão de empreendimentos existentes.

A partir de uma leitura desses atrativos, percebe-se que o principal objetivo é amplificação da experiência turística, fator que se reflete na organização espacial e que apresentam características gerais como:

IV - FOZ DO IGUAÇU: PAISAGEM OBSERVADA X PAISAGEM VIVENCIADA

- Há uma tendência a construções monumentais ou com marcos visuais demarcados, no qual se incentiva o registro fotográfico pelo turista e o marketing digital da paisagem;
- Em muitos, há um trajeto ou caminho delimitado, pensado para atender a um fluxo constante de visitantes, geralmente com duração média definida, predominando os espaços de circulação e limitando outros usos e formas de apropriação do lugar;
- Há poucos espaços de permanência e descanso. Os que existem geralmente estão associados ao consumo de produtos e alimentos;
- Há pouca divulgação da história e cultura de Foz do Iguaçu. Quando divulgado, se relaciona com a história do próprio atrativo turístico;
- A maioria dos atrativos estão localizados em um eixo turístico específico na cidade, sendo afastados do centro e sem articulação com os bairros da cidade.

De modo geral, esses espaços turísticos de lazer são organizados de modo a cumprir um roteiro de visita, no qual se delimita o percurso do turista tanto dentro dos atrativos quanto na cidade. Esse percurso, muitas vezes, não coincide com as atividades e locais vivenciados pelos moradores no seu cotidiano, ocorrendo um desencontro entre morador e turista. Neste sentido, aparece uma diferenciação entre a paisagem que é visitada e observada pelo turista e a paisagem que é vivenciada no dia-a-dia pelos seus moradores.

Percebe-se, então, um planejamento e incentivo a construção de espaços de lazer turísticos como forma de desenvolvimento econômico de Foz do Iguaçu, porém que não contemplam a necessidade de espaços de lazer públicos para uso dos moradores da cidade.

Faz-se necessário a criação de espaços de permanência e descanso, localizados em articulação com os bairros da cidade, em outras palavras, próximo às residências, com variedade de usos e atividades, entre outras características que considerem as formas de apropriação cultural da paisagem pela população.



FIGURA 24 - Trajeto no Parque das Aves. FONTE: Blog Café Viagem (2014).



FIGURA 25 - Trajeto nas Cataratas do Iguaçu, PNI/BR. FONTE: Blog Em algum lugar do mundo (2022).

ETAPA 3: ESTUDO DA PAISAGEM

levantamento da qualidade física e
simbólica da paisagem dos espaços
públicos de lazer

V - METODOLOGIA DE LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL

Esta investigação tem como objetivo estudar os espaços públicos de lazer em Foz do Iguaçu, com enfoque em parques e praças que são vivenciados diariamente pela população, a partir de uma leitura da paisagem cultural.

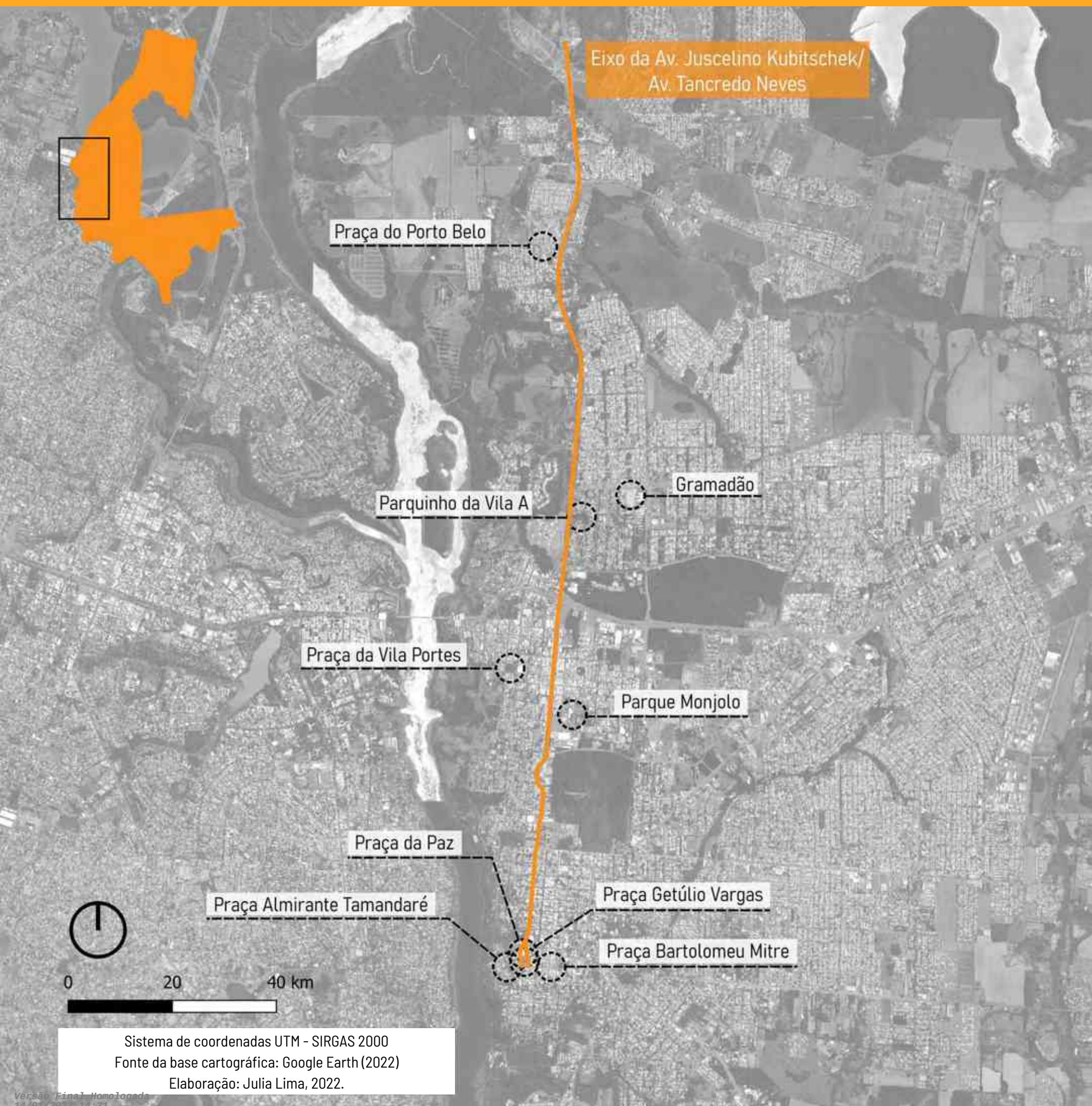
Compreende-se a paisagem cultural como o resultado da interação homem-natureza, que se reflete tanto morfológicamente como simbolicamente no espaço físico, por meio das diferentes formas de percepção e ressignificação sobre o lugar. De acordo com a definição de paisagem pela Convenção Europeia da Paisagem (2000), há 3 abordagens principais para a identificação da paisagem cultural, sendo: 1 - a percepção do território; 2 - os testemunhos do passado e do relacionamento entre os indivíduos e seu meio; e 3 - as especificidades das culturas locais, práticas, crenças e tradições.

Considerando Foz do Iguaçu como um território multicultural, busca-se entender como a grande diversidade de culturas, etnias e modos de vida influenciam na conformação da paisagem cultural da cidade, identificando os elementos físicos e simbólicos que influenciam no uso, apropriação e ressignificação dos espaços públicos pela população.

Por se configurar a partir das vivências e dinâmicas urbanas cotidianas, os espaços públicos são um importante indicador da qualidade de vida da população e norteador para o planejamento urbano da cidade. Assim, o espaço público de lazer (parques e praças) é escolhido como objeto de estudo considerando seu potencial integrador, que possibilita o encontro com o diferente e abre espaço às mais variadas manifestações culturais.

Para o mapeamento inicial, foi aplicado um recorte territorial compreendendo a principal via arterial de Foz do Iguaçu, o eixo da Av. Juscelino Kubitschek/ Av. Tancredo Neves e todos os parques e praças localizadas nas proximidades. Este é um eixo estratégico na estruturação urbana de Foz do Iguaçu, já que conecta a região norte-sul, dando acesso a bairros com diferentes características morfológicas e populacionais.

Considerada uma via de grande mobilidade e de alto fluxo, ela compõe a rota de boa parte dos transportes público, sendo onde se localiza o único terminal de transporte urbano da cidade. Seu uso do solo é misto, possuindo uma grande variação tanto de residências quanto na oferta de comércios e serviços urbanos.



PERCURSO PELA PAISAGEM CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU

A partir do mapeamento realizado por meio do Google Maps e do Mapa Cadastral da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (2022), foram identificadas 9 praças e parques próximas ao eixo principal (em até 1 km), sendo:

- 1 – Praça Bartolomeu Mitre, 250m
acesso direto pela Av. Jorge Schimmelpfeng
- 2 – Praça Getúlio Vargas, 0m
acesso direto pela Av. Juscelino Kubitschek
- 3 – Praça Almirante Tamandaré, 200m
acesso direto pela R. João Rouver
- 4 – Praça da Paz, 0m
acesso direto pela Av. Juscelino Kubitschek
- 5 – Parque Monjolo, 220m
acesso direto pela Rua David Muffato
- 6 – Praça da Vila Portes, 500m
acesso direto pela R. José do Patrocínio
- 7 – Parquinho da Vila A, 150m
acesso direto pela Alameda Jaó e Alameda Caburé
- 8 – Gramadão, 750m
acesso direto pela Av. Silvío Américo Sasdelli
- 9 – Praça do Porto Belo, 230m
acesso direto pela R. Ângela Aparecida

Para aprofundar os estudos de leitura da paisagem cultural de espaços públicos de lazer Foz do Iguaçu seleciona-se 1 praça e 1 parque, sendo ambos considerados como de relevante apropriação popular, concentrando uma variedade de usuários e atividades diferentes entre si e que estão localizados próximos ao recorte territorial indicado. Assim, é selecionado:

1 - PRAÇA DA PAZ

Localizada no bairro central, é um dos principais espaços de expressão artística, cultural e política na cidade. Ainda que seja pouco utilizado durante os dias da semana, tem grande potencial de mobilizar moradores de diferentes bairros e visitantes em dias de eventos fixos, como a "Feirinha da JK", ou eventos esporádicos, sendo um ponto de referência bastante conhecido em Foz do Iguaçu.

FIGURA 26 - Praça da Paz. FONTE: Google Street View (2022).



2 - PARQUE MONJOLO

Localizado no bairro Monjolo, é um dos poucos parques de Foz do Iguaçu. Sua apropriação ocorre de forma local, com moradores do entorno, e tem como principal atividade a pesca, sendo um dos poucos lugares na cidade planejados para essa prática.

FIGURA 27 - Parque Monjolo. FONTE: Google Street View (2022).



A metodologia de leitura da paisagem cultural busca identificar os elementos físicos e simbólicos presentes na paisagem dos parques e praças selecionados, considerando duas análises do espaço: perceptiva e participativa.

Para análise perceptiva, busca-se aproximar da paisagem a partir da sua experimentação e vivência. Sendo assim, é realizada uma vista de campo pela autora e um acompanhante, de modo a observar, vivenciar e debater sobre as percepções espaciais de cada parque e praça. Busca-se identificar as impressões culturais expressas na paisagem, as características físicas e simbólicas que influenciam no modo como as pessoas se relacionam com a paisagem, e igualmente, como a paisagem interfere e/ou condiciona essa apropriação.

Para a análise participativa, considera-se que a compreensão da paisagem se ressignifica de acordo com os diferentes olhares e percepções sobre ela. Para isso, se incentiva a participação da comunidade através de um questionário de identificação dos aspectos sociais, ambientais e culturais que influenciam a apropriação dos espaços públicos de lazer selecionados.

Este questionário está baseado na metodologia do Cidades Ativas (2016) e do Guia dos Espaços Públicos (2016), no qual considera 4 parâmetros principais de avaliação dos espaços públicos, seguindo algumas variáveis a serem consideradas:

- 1- **Segurança**, se relaciona a percepção pessoal de segurança, como também a fatores que contribuem para essa percepção, como a presença de iluminação, vigilância natural e impermeabilidade visual.
- 2- **Proteção e acessibilidade**, está relacionada a condições do espaço que permite a proteção contra danos físicos e psicológicos a todos os usuários, os parâmetros incluem desde proteção térmica e arborização, como também a conservação e acessibilidade do espaço.
- 3- **Conforto e atratividade**, incluem fatores que estimulam o interesse em utilizar o espaço, que incentivam a permanência das pessoas e garantam o seu uso confortável.
- 4- **Diversidade e sociabilidade**, se relaciona a diversidade de usos, funcionalidades, atividades e de usuários que o espaço pode proporcionar.

Abaixo segue a tabela de relação dos parâmetros de avaliação, juntamente com uma possível abordagem a cada variável a ser analisada.

TABELA 2. Parâmetros de avaliação socioambiental

PARÂMETROS	VARIÁVEIS	ABORDAGEM
Segurança	Sensação pessoal de segurança	você se sente segura/o neste lugar?
	Iluminação natural e artificial	tem iluminação natural suficiente?
		tem iluminação artificial suficiente?
	Vigilância natural	há um grande número de pessoas frequentando este lugar?
	Permeabilidade visual	há uma boa comunicação entre essa praça/parque e as residências?

2 - proteção e acessibilidade	Conservação e manutenção	este lugar está conservado e com manutenção adequada?
	Proteção térmica	tem proteção contra o sol, a chuva e o vento?
	Arborização	tem árvores suficientes?
	Passagem contínua e desobstruída	o piso é regular, sinalizado e sem obstáculos?
	Acessibilidade em serviços e equipamentos	todas as pessoas conseguem utilizar o lugar de modo seguro e acessível?
3 - conforto e atratividade	Percepção visual positiva	sua primeira impressão do espaço é positiva?
	Atrativos visuais	este lugar possui elementos atrativos na paisagem?
	Estímulos sensoriais e lúdicos	este lugar possui objetos com diferentes texturas, cores?
	Espaços de descanso e relaxamento	há lugares suficientes para descansar e relaxar?
	Limpeza	este lugar está limpo, sem poluição?
4 - diversidade e sociabilidade	Diversidade de usos e atividades	este lugar atende a diversos usos e atividades?
	Diversidade de grupos sociais	há pessoas com diferentes idades, etnias, nacionalidades, classes sociais?
	Potencial integrador	este lugar permite a interação e o encontro entre as pessoas?
	Temporalidade	este lugar permite seu uso em diferentes horas do dia?
		este lugar pode ser utilizado em diferentes períodos do ano?

A seguir, apresenta-se a leitura da paisagem cultural dos espaços públicos de lazer selecionados: Praça da Paz e Parque Monjolo.

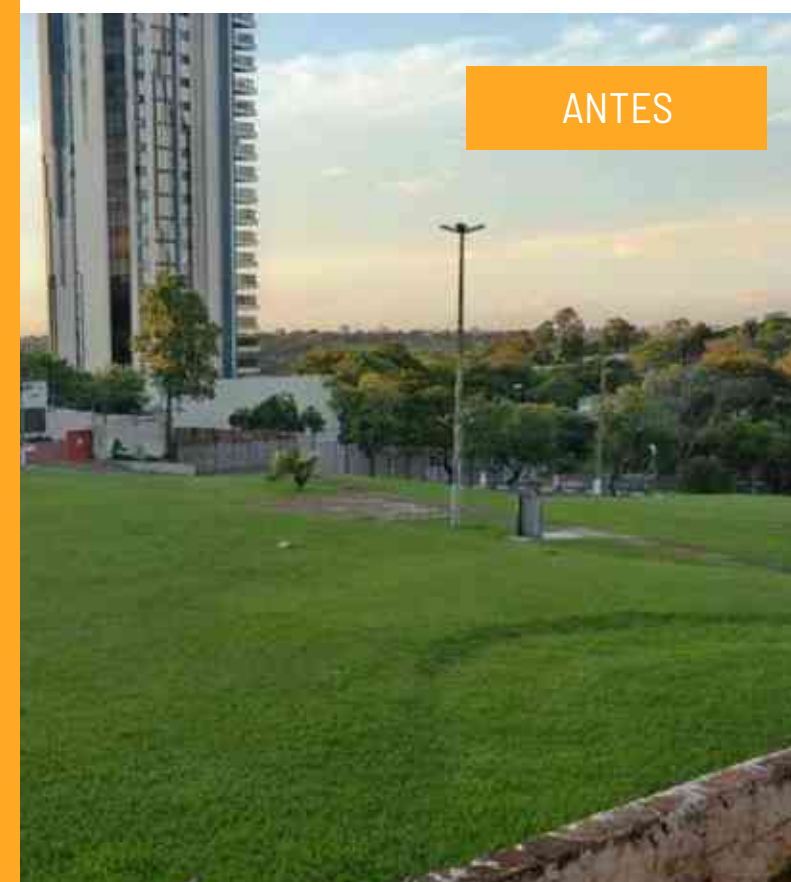
CARACTERIZAÇÃO GERAL

A Praça da Paz está localizada no centro da cidade, entre a bifurcação da Avenida Juscelino Kubitschek sentido a Av. Jorge Schimmelpfeng, sendo considerada uma das principais praças de Foz do Iguaçu.

Sua implantação é resultado de um “projeto de revitalização” elaborado pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu e pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano, que consiste na reestruturação e organização espacial, principalmente, para receber eventos de grande porte. Deste modo, o que antes era uma ampla área verde que permitia o uso flexível do espaço, com a reforma, a praça ganhou equipamentos urbanos fixos, como um anfiteatro (com palco e bancos de concreto), mirante, espelho d’água, além de uma nova iluminação e pavimentação.

Também foi construído um mural de 165m que retrata a lenda das Cataratas, conto indígena da história de amor de Naipi e Tarobá que deu origem às Cataratas do Iguaçu. Elaborada pelo artista Miguel Hachen, o mural feito a partir de mosaicos também representa elementos da flora e fauna da mata atlântica, presente no Parque Nacional do Iguaçu.

VI - A PRAÇA



ANTES



DEPOIS

FIGURA 28 - Praça da Paz antes. FONTE: Léo Araújo (2022).

FIGURA 29 - Praça da Paz depois. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

Apesar de ser pouco utilizado durante os dias comuns da semana, a Praça da Paz segue sendo um ponto de referência para a cidade de Foz do Iguaçu, principalmente, pela sua capacidade em reunir as mais diversas atividades artísticas, culturais e políticas.

Somente no último ano, o espaço recebeu campanhas de saúde diversas: para conscientização e prevenção à saúde do homem, combate ao câncer de boca, dia mundial da diabetes, entre outros. Abrigou festivais diversos, indo desde espetáculos de circo até apresentações de rock. Reuniu atos e manifestações pelo dia internacional da mulher, a favor da educação, pelo dia do trabalhador, entre outros. E também dias comemorativos, como festa junina, aniversário de Foz do Iguaçu e festejos de Natal, sendo que neste último reuniu aproximadamente 15 mil pessoas somente no dia da abertura (PORTAL IGUAÇU, 2021).

FIGURA 30 - Natal na Praça da Paz. FONTE: Portal Iguaçu (2021).



FIGURA 31 - Feirinha da JK. FONTE: Local Iguaçu (2022).



Além de eventos temporários, a Praça da Paz também abriga atividades fixas como a "Feirinha da JK", no qual todos os domingos de manhã são instaladas barracas para a comercialização de alimentos e produtos artesanais, atraindo moradores e visitantes.

Neste sentido, a Praça da Paz se apresenta com um espaço público com potencial mobilizador importante para a cidade, reunindo moradores de diferentes bairros e visitantes, incentivando o encontro e troca de experiências e culturas e contribuindo, assim, para a melhoria da qualidade de vida da população.

A seguir, apresenta-se a caracterização física e morfológica do entorno imediato da Praça da Paz, com estudos de hierarquia de vias, mobilidade, gabarito e uso e ocupação do solo, com o objetivo de compreender as influências físicas que podem interferir na vivência, percepção e apropriação da praça pelos usuários.

MAPA 3 - Hierarquia viária do entorno da Praça da Paz. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Hierarquia de vias

O estudo de hierarquia viária do entorno imediato da Praça da Paz mostra que a praça se localiza entre a bifurcação da Avenida Juscelino Kubitschek, sentido a Avenida Jorge Schimmelpfeng, ambas classificadas como via arterial de fluxo intenso, principalmente de veículos leves, e duplo sentido de locomoção.

LEGENDA

- arterial de fluxo intenso e duplo sentido
- conectora de fluxo médio e sentido único
- local de duplo sentido
- local de sentido único
- local não pavimentado
- via peatonal

FIGURA 32 - Av. Juscelino Kubitschek. FONTE: Google Street View (2022).



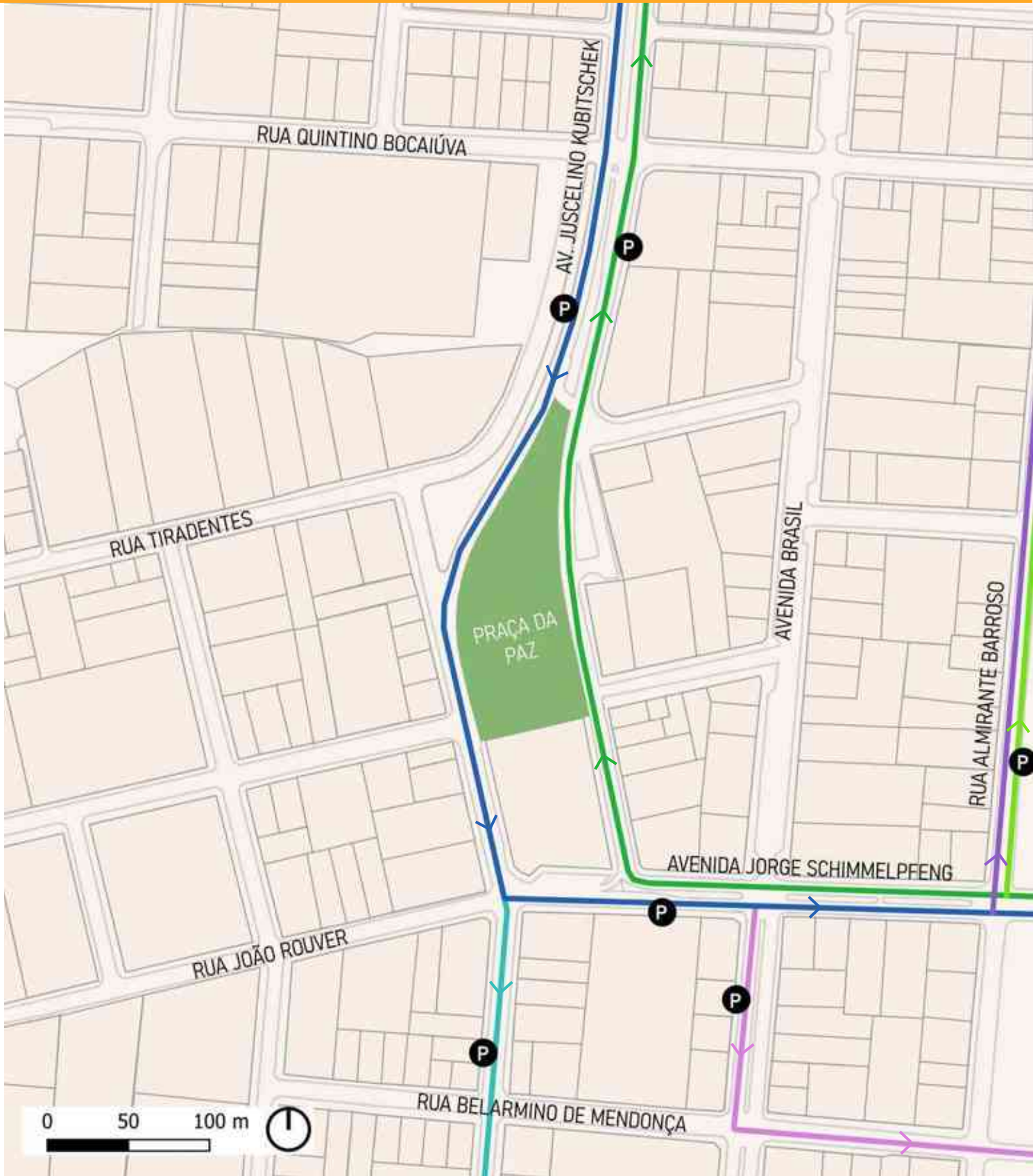
FIGURA 33 - Av. Jorge Schimmelpfeng. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 34 - Av. Brasil. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 4 - Mobilidade do entorno da Praça da Paz. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Mobilidade

O estudo de mobilidade revela o total de 14 linhas de transporte urbano que circulam em ambos sentidos no entorno da praça, evidenciando o fácil acesso e deslocamento entre a praça e outras localidades de Foz do Iguaçu. No entanto, não há acesso por outros meios de locomoção, dada a ausência de ciclovias ou ciclofaixas.

LEGENDA

		
SENTIDO TERMINAL:	SENTIDO BAIRRO:	SENTIDO BAIRRO:
linhas 325 - 110 - 120	linhas 325 - 120 - 117	linhas 225 - 310 - 245
117 - 010 - 105 - 380	010 - 105 - 380 - 116	315 - 200 - 050
		
SENTIDO TERMINAL:	SENTIDO BAIRRO:	SENTIDO BAIRRO:
linha 116	linha 010	linha 110

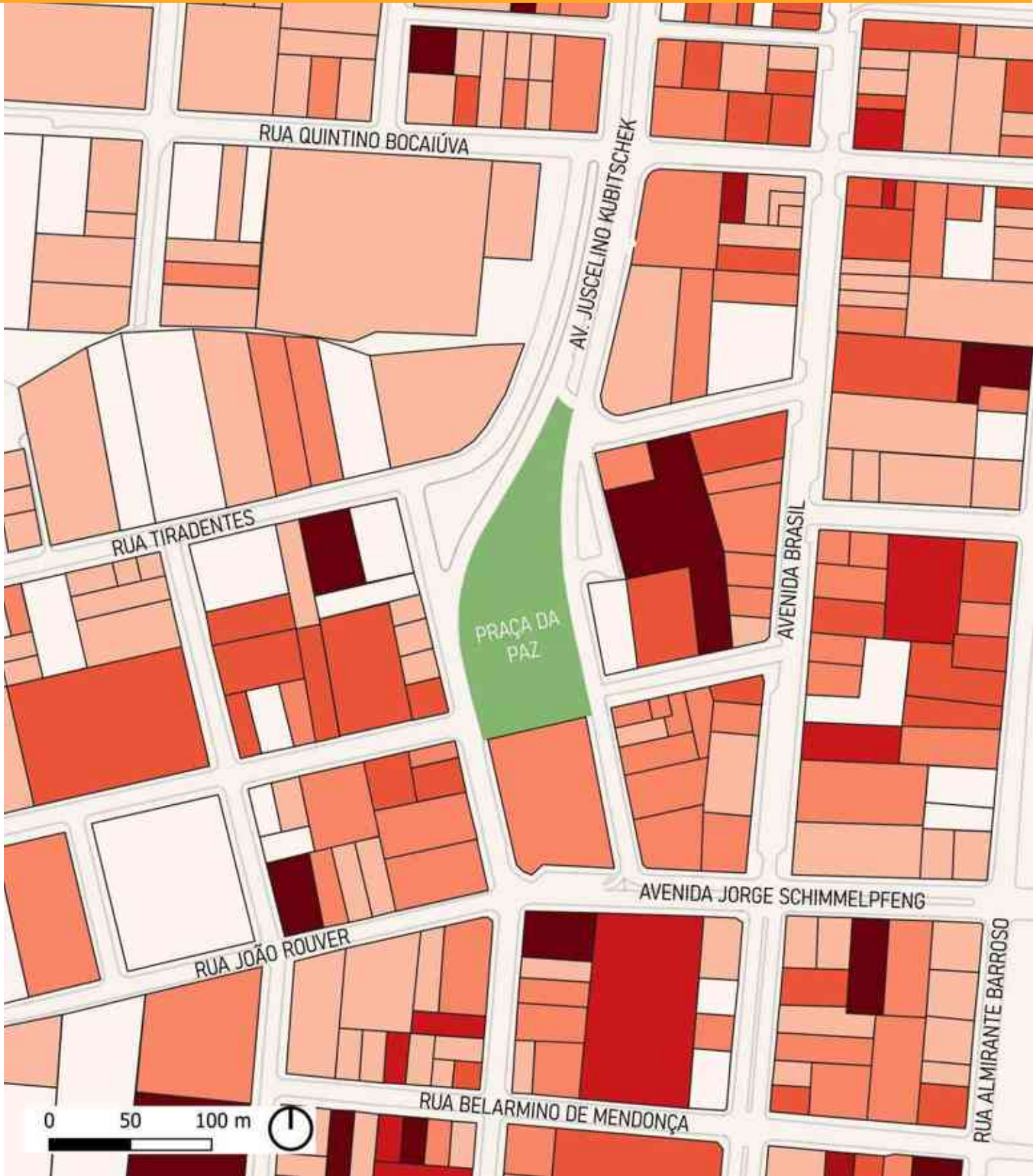
FIGURA 35 - Ponto de ônibus da Av. Juscelino Kubitschek. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 36 - Ponto de ônibus da Av. Jorge Schimmelpfeng. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 5 - Gabarito de altura do entorno da Praça da Paz. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Gabarito

O estudo de gabarito apresenta certa variabilidade de alturas no entorno imediato à Praça da Paz, no qual a maioria dos edifícios possuem entre 1 a 5 pavimentos, contando com alguns edifícios de até 20 pavimentos.

LEGENDA

- 0 pavimentos
- 1 pavimento
- 2 pavimentos
- 3 a 5 pavimentos
- 6 a 10 pavimentos
- 11 a 15 pavimentos
- > de 15 pavimentos

FIGURA 37 - Edifício de baixa altura. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 38 - Edifício de média altura. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 39 - Edifício de alta altura. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 6 - Uso e ocupação do solo do entorno da Praça da Paz. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Uso e ocupação do solo

O estudo de uso e ocupação revela a grande variedade presente no entorno da praça, sendo identificado o total de 14 usos e ocupações diferentes. É possível perceber uma certa setorização na localização de algumas atividades, sendo no lado direito da praça onde se concentra o maior uso comercial e o lado esquerdo a maioria residencial. Também é possível perceber uma certa quantidade de lotes ociosos e/ou subutilizados, fator surpreendente considerando a alta taxa de ocupação dos lotes e sua valorização devido a localização central.

LEGENDA

- | | |
|-------------------------------------|------------------------------|
| Residencial unifamiliar | Institucional - saúde |
| Residencial plurifamiliar | Institucional - educação |
| Residencial transitório - hotelaria | Institucional - religioso |
| Misto - comercial + hotelaria | Institucional - financeiro |
| Misto - comercial + residencial | Institucional - cooperativas |
| Comercial | Lazer |
| Serviço público | Ocioso e/ou subutilizado |

PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS

- 1 - Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu
- 2 - Fundação Cultural
- 3 - Praça Getúlio Vargas
- 4 - Cartório
- 5 - Paróquia São João Batista
- 6 - Capitania Fluvial do Paraná

- 7 - Marinha do Brasil
- 8 - Praça Almirante Tamandaré
- 9 - Ministério do Trabalho
- 10 - Correios
- 11 - Câmara Municipal
- 12 - Cooperativa de reciclagem
- 13 - Corpo de Bombeiros



FIGURA 40 e 41 - Edifícios de uso misto. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 42 e 43 - Praças no entorno. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 44 a 47 - Edifícios abandonados e/ou subutilizados. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 48 - Lote ocioso. FONTE: Google Street View (2022).

As principais características morfológicas apresentadas é a diversidade de tipos de uso e ocupação do solo no entorno imediato a Praça da Paz, com a presença de escolas, serviço público e locais de comércio, trabalho e lazer, bem como o fácil acesso através da variedade de rotas de transporte público no local, fatores poderia incentivar o seu uso e apropriação durante todos os dias da semana. No entanto, isso não acontece na realidade.

A partir do estudo morfológico, é possível fazer algumas considerações. Primeiramente, destaca-se a quantidade de edifícios abandonados e lotes ociosos no entorno imediato e a falta de comunicação direta entre a praça e os edifícios residenciais. Esses fatores diminuem a interação e conexão visual entre os moradores e pedestres e os usuários da praça, podendo influenciar na sensação de segurança e conforto no local.

LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA DA PAZ



FIGURA 49 - Montagem panorâmica da Praça da Paz. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

Para o estudo perceptivo, a principal questão levada em campo buscava compreender os modos de uso e apropriação das pessoas no lugar, identificando os elementos físicos e simbólicos que se associam à vivência do espaço estudado.

A reforma da Praça da Paz conferiu uma estrutura física que delimita certas ações no espaço, condicionando o uso pela população. Deste modo, buscou-se responder algumas perguntas: Qual a resposta da população à reforma da praça? Quais foram as adaptações, aceitações e rejeições ao projeto implementado? O novo projeto possibilita usos e atividades diversas? Possibilita seu uso em diferentes horas do dia? Por diferentes públicos? Entre outras, seguindo os critérios de avaliação socioambiental de: 1 - segurança; 2 - proteção e acessibilidade; 3 - conforto e atratividade; e 4 - diversidade e sociabilidade.



Elementos físicos que compõem a Praça da Paz:

- 1 - ÁRVORE CENTENÁRIA
- 2 - MURETA
- 3 - PALCO
- 4 - BANCOS DE CONCRETO
- 5 - CHAFRIZ DE PISO
- 6 - MURAL
- 7 - MIRANTE
- 8 - ESPELHO D'ÁGUA

FIGURA 50 - Implantação da Praça da Paz. FONTE: Google Satélite, modificado pela autora (2022).

Percorrendo o local, foi possível identificar que a mesma adquire características diferentes dependendo do horário ou dia em que a vivencia. Durante os dias da semana, percebe-se uma praça hostil aos usuários, que não convida a permanência. Isso acontece, primeiramente, porque o espaço não oferece possibilidades de descanso e relaxamento confortáveis. Há poucos bancos de madeira com encosto e os bancos de concreto, junto com a pavimentação excessiva, eleva a temperatura local a níveis além do tolerável fisiológico e psicologicamente.

Percebe-se que a questão do conforto térmico não foi pensada durante o projeto da praça, uma vez que as soluções implementadas não demonstram preocupação com as condições climáticas da região e não é sugerida nenhuma ferramenta mitigadora, como a utilização de materiais adequados para cada superfície, estratégias de ventilação natural e opções de sombreamento, por exemplo, que influenciariam diretamente no bem-estar dos usuários.

Com isso, observa-se que um dos lugares mais utilizados para descanso (das poucas pessoas que utilizam a praça em dias comuns) é a mureta de contenção na parte inferior da praça, uma vez que é o único local que recebe a proteção solar oferecida pela árvore centenária que “por sorte” permaneceu no local.



Mesmo com todos os bancos, as pessoas sentam na mureta de contenção, porque é o único lugar que alcança a sombra da árvore.

FIGURA 51 – Local alternativo de descanso. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

A permeabilidade visual da Praça da Paz possibilita que uma pessoa que esteja passando pelo seu lado direito consiga ter uma ampla visão tanto interna quanto do outro lado da praça.



FIGURA 52 – Visibilidade da Praça da Paz. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

A praça apresenta uma boa permeabilidade física e visual, mantendo a comunicação direta entre os usuários e os pedestres e auxiliando na sensação de segurança dos que a vivenciam. No entanto, a ampla visibilidade confere uma certa monotonia à praça, uma vez que faltam elementos-surpresa, que atraiam visualmente e despertem o interesse em utilizá-la. Como apresenta Kevin Lynch que espaços mais simples ou monótonos são facilmente compreendidos e podem ser absorvidos com uma mesma sensação, sendo pouco estimulantes (LYNCH apud BRITTO, p. 26, 2016), e também Stephen Kaplan (1982), ao declarar que a complexidade visual incentiva a permanência das pessoas no espaço, uma vez que captura a atenção e interesse das pessoas por mais tempo no espaço (KAPLAN apud BRITTO, p. 26, 2016).

Outro fator que influencia a ocupação e permanência durante os dias da semana é justamente a falta de pessoas no local. Como revela Jane Jacobs, “a presença de pessoas atrai outras pessoas” (JACOBS, 2011, p. 30), e sem pessoas, a praça torna-se meramente uma passagem. Isso interfere na relação com o espaço porque não há a interação interpessoal característica do espaço público. A relação entre o usuário da praça e o pedestre é distante, baseada na troca de olhares que não se aproximam. Quem passa pelo local, olha mas não fica. Os poucos que sentam, permanecem por alguns minutos e se vão. E os que permanecem demonstram uma sensação constante de exposição, dada, principalmente, pela falta de presença de outras pessoas no local.

Esse cenário muda aos domingos de manhã. A presença da feirinha ressignifica os usos da praça, ganhando vitalidade e oferecendo às pessoas novas formas de se apropriarem e vivenciarem o lugar com mais flexibilidade.

Para quem visita a praça, percebe: o cheiro de pastel frito na hora, convidando a comer acompanhado de um caldo de cana com limão. Ao fundo, se ouve a batida do maracatu, enquanto assiste crianças brincando e rindo. Uma mulher passeia com seu cachorro, sendo parados constantemente por pessoas que perguntam pelo nome e querem acariciar o bichinho. Um casal de idosos traz cadeiras de praia para se sentar. Mesmo morando juntos, escolhem relaxar e conversar na praça, olhando o movimento da feirinha.

Estabelece, assim, uma nova relação com o espaço, que ocorre de modo passivo ou ativo. Passivo porque a praça adquire dinamismo para além do visual, possibilitando uma experiência sinestésica, em outras palavras, que se desenvolve a partir da associação dos sentidos na percepção do espaço. Ativo porque a diversidade de acontecimentos estimula a se fazer partícipe, seja conversando, movimentando-se ou interagindo diretamente com o espaço e as pessoas.

Atividades para crianças



Doação de animais



Cadeiras móveis =
atividade opcional





Roda de capoeira, esporte afro-brasileiro que mistura arte marcial, dança e música



Música indígena típica do norte da Argentina



Maracatu, ritmo e dança originária do folclore brasileiro

FIGURA 57 a 59 - Manifestações culturais. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

A praça se torna atrativa pela diversidade. Como declara Jane Jacobs que “a própria diversidade urbana permite e estimula mais diversidade” (JACOBS, 2011, p. 104). Assim, cria-se espaços de encontro e convívio, que valorizam e incentivam as trocas sociais e a integração das mais diversas formas de expressão cultural, sendo através da gastronomia, do idioma, da música, da dança e outras representações.

Na Praça da Paz, é possível perceber que a integração cultural acontece em 3 níveis. O primeiro nível é entre regiões do Brasil, no qual as tradições e modos de vida sulistas se misturam com rastros culturais nordestinos e do sudeste do país. O segundo acontece enquanto integração latino-americana, especialmente entre os países da tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai. E o terceiro, ocorre em nível internacional, com influências árabes e orientais, que se dá principalmente através da gastronomia, com comidas como shawarma e yakissoba.

Deste modo, a praça torna-se espaço de realização e expressão da esfera da vida pública, principalmente, enquanto espaço de socialização e intercâmbio de perspectivas.

Barraca de acarajé, comida típica do norte do Brasil

Barraca de comida oriental, com pratos do Japão e China



FIGURA 60 a 61 - Integração cultural a partir do sabor. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

Deste modo, os dias de feirinha possibilitam que a Praça da Paz seja convidativa para uma diversidade de pessoas, de modo que tanto pessoas sozinhas como pessoas em grupo sintam-se confortável em utilizar e permanecer no espaço. No entanto, mesmo com todas as características que a praça adquire com a presença da feirinha e que permitem a maior apropriação pela população, ainda há fatores que se revelam como uma certa hostilidade aos seus frequentadores.

A partir de um estudo sobre os modos de uso e apropriação, percebe-se que o local com maior presença das pessoas e maior diversidade de uso é na faixa de grama próxima à rua, principalmente, onde alcança a sombra da árvore. Atualmente, essa faixa de grama está sendo sobreposta por pedrisco, material mais áspero, que impede o uso confortável do espaço. Esse é um fator que influencia diretamente a percepção positiva e permanência na Praça da Paz, evidenciando a necessidade de um projeto e gestão condizentes com a realidade de quem vivencia o espaço cotidianamente.



As pessoas se sentam em lugares adaptados, como em muretas, ou trazem suas próprias cadeiras.

Os únicos espaços com grama, onde pessoas se sentam, estão sendo sobrepostos por pedrisco, material mais resistente porém menos confortável.



FIGURA 62 a 66 - Locais de descanso e permanência da Praça da Paz. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

A análise participativa foi realizada por meio do questionário de parâmetros socioambientais, no qual foi possível comparar a leitura perceptiva da paisagem com uma compreensão geral dos usuários da Praça da Paz. Deste modo, considera-se a multiplicidade de leituras possíveis sobre a paisagem cultural, uma vez que esta se resignifica de acordo com as diferentes perspectivas, ideias e sentimentos refletidos sobre ela.

Para a coleta desses dados, cada parâmetro foi avaliado com valores de 0 a 5, sendo 0 - inexistente, 1 - péssimo, 2 - ruim, 3 - regular, 4 - bom e 5 - ótimo. Houve um total de 25 respostas ao questionário, realizado entre 1 a 16 de dezembro de 2022, no qual foi realizada uma média dos dados levantados. A relação quantitativa para cada parâmetro, bem como por variável, é apresentada nas tabelas abaixo.

De modo geral, a avaliação sócioambiental da Praça da Paz é considerada regular, sendo que os principais fatores que influenciaram positivamente esta percepção são em relação à iluminação natural, a conservação e manutenção do espaço, a diversidade de estímulos sensoriais e lúdicos, a diversidade de grupos sociais presentes, o incentivo a interação social e a possibilidade de uso em diferentes períodos do ano. Já os fatores avaliados com pontuações mais baixas são referentes à falta de proteção térmica, a impermeabilidade visual e de arborização e a falta de opções de espaços para descanso e relaxamento. Assim, o melhor parâmetro avaliado é em relação a diversidade e sociabilidade presentes na Praça da Paz.

TABELA 3. Resultado da análise participativa por parâmetro geral da Praça da Paz

PARÂMETROS	QUALIFICAÇÃO				
	1	2	3	4	5
SEGURANÇA					
PROTEÇÃO E ACESSIBILIDADE					
CONFORTO E ATRATIVIDADE					
DIVERSIDADE E SOCIABILIDADE					

TABELA 4. Resultado da análise participativa por variáveis da Praça da Paz

PARÂMETROS	VARIÁVEIS	QUALIFICAÇÃO				
		1	2	3	4	5
SEGURANÇA	Sensação pessoal de segurança					
	Iluminação natural					
	Iluminação artificial					
	Vigilância natural					
	Permeabilidade visual					
PROTEÇÃO E ACESSIBILIDADE	Conservação e manutenção					
	Proteção térmica					
	Arborização					
	Passagem contínua e desobstruída					
	Acessibilidade em serviços e equip.					
CONFORTO E ATRATIVIDADE	Percepção visual positiva					
	Atrativos visuais					
	Estímulos sensoriais e lúdicos					
	Espaços de descanso e relaxamento					
	Limpeza					
DIVERSIDADE E SOCIABILIDADE	Diversidade de usos e atividades					
	Diversidade de grupos sociais					
	Potencial integrador					
	Temporalidade - horas do dia					
	Temporalidade - períodos do ano					

MAPEAMENTO ESQUEMÁTICO DOS USOS E APROPRIAÇÃO
PRAÇA DA PAZ

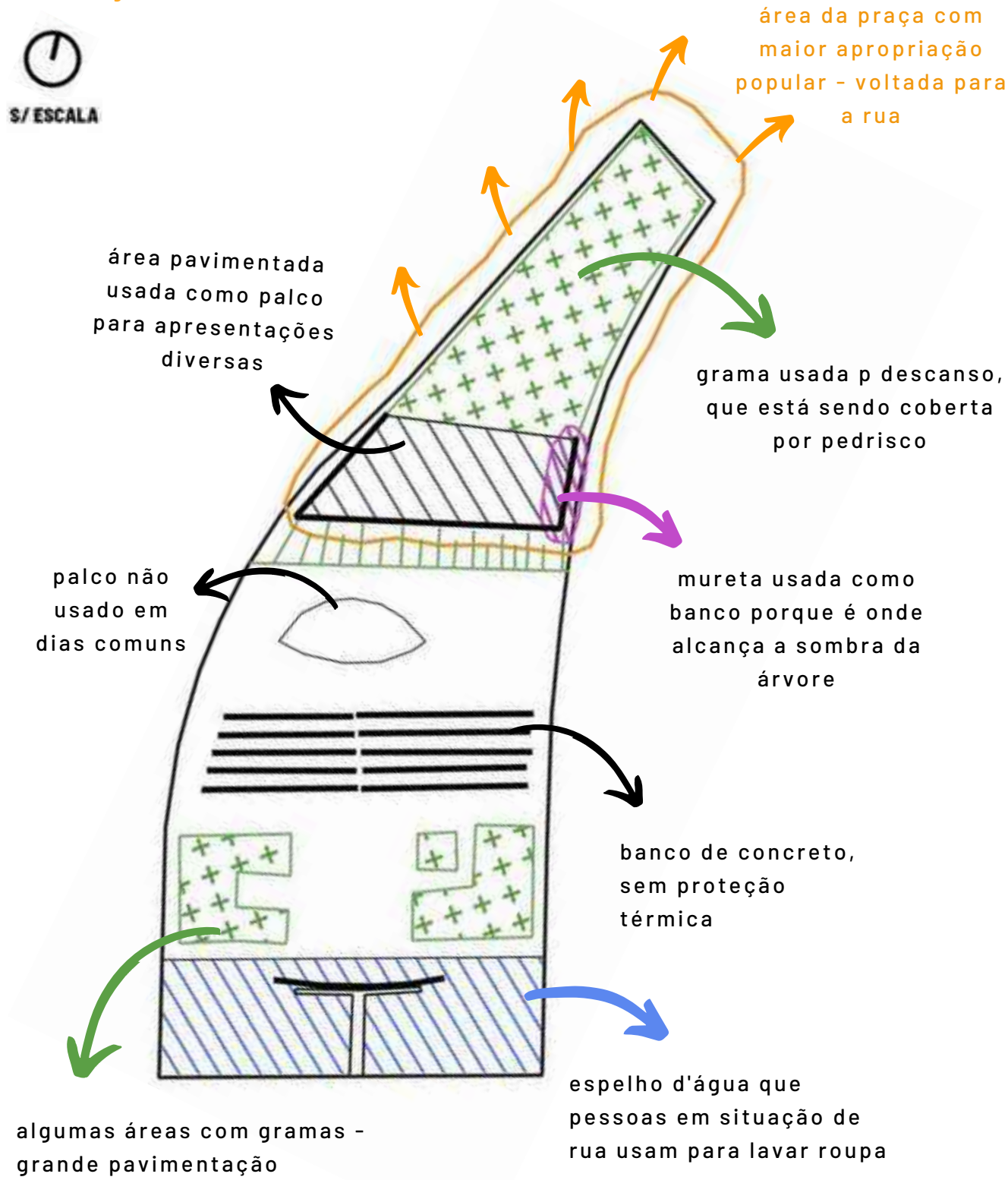


FIGURA 67 - Mapeamento esquemático da Praça da Paz. FONTE: elaborado pela autora (2022).

TABELA 5. Síntese da leitura da paisagem cultural da Praça da Paz

PARÂMETRO	DEFICIÊNCIAS	POTENCIALIDADES
SEGURANÇA	Poucas residências no entorno imediato à praça, diminuindo a comunicação entre o espaço público e o privado e a vigilância natural.	Pode ser visto e reconhecido a distância e possui boa iluminação natural e artificial.
	Baixa permanência de pessoas em dias comuns.	Alta permanência das pessoas em domingos e dias de eventos.
PROTEÇÃO E ACESSIBILIDADE	Não há proteção térmica e os materiais utilizados contribuem para aumentar a sensação de calor.	Boa rota de transporte público e calçadas e ruas amplas.
	Pouca arborização.	Espaço bem conservado e com manutenção em dia.
CONFORTO E ATRATIVIDADE	Não há espaços para sentar-se e descansar com conforto e a grama que é usada para relaxamento está sendo substituída por pedrisco.	Há dinamismo visual e estímulos sensoriais diversos durante os dias de feirinha e eventos.
	Monotonia visual na criação dos espaços.	O mural oferece cores e texturas que dão vida a praça.
DIVERSIDADE E SOCIABILIDADE	Não é usado todos os dias, somente no período da feirinha que ocorre aos domingos de manhã e em eventos pontuais.	Diversidade de atividades e público durante os domingos.
	Local de passagem em dias comuns.	Local de encontro e interação social e cultural aos domingos.

CARACTERIZAÇÃO GERAL

O Parque Monjolo está situado no bairro Monjolo, próximo ao bairro central, a duas quadras da Avenida Juscelino Kubitschek. Juntamente com o Parque Ambiental Omar de Oliveira, localizado na região sul da cidade, é um dos únicos parques públicos urbanos de Foz do Iguaçu.

Criado durante a década de 90, o parque é resultado de uma proposta de proteção às seis nascentes que compõem o arroio do Rio Monjolo, que possui aproximadamente 4 km de extensão, além de ser uma opção de lazer e descanso para a população. Em 2012, o local passou por um processo de requalificação realizado pela Prefeitura Municipal, a Itaipu Binacional e a Companhia de Saneamento do Paraná – SANEPAR, no qual foram construídas estruturas como pergolado, novo calçamento, uma ponte e academia para a terceira idade (PGP-PR, 2015). No entanto, mesmo com a reforma, o parque segue um histórico de negligência administrativa, principalmente quanto a sua manutenção, limpeza e conservação (100FRONTEIRAS, 2021).

Sua principal importância para a cidade é referente ao seu potencial enquanto parque urbano de aproximar a população da natureza e oferecer tranquilidade em meio a vida urbana agitada. O parque incentiva a educação ambiental, fortalece a prática de atividades esportivas e de lazer e contribui para a melhoria da qualidade de vida da população.

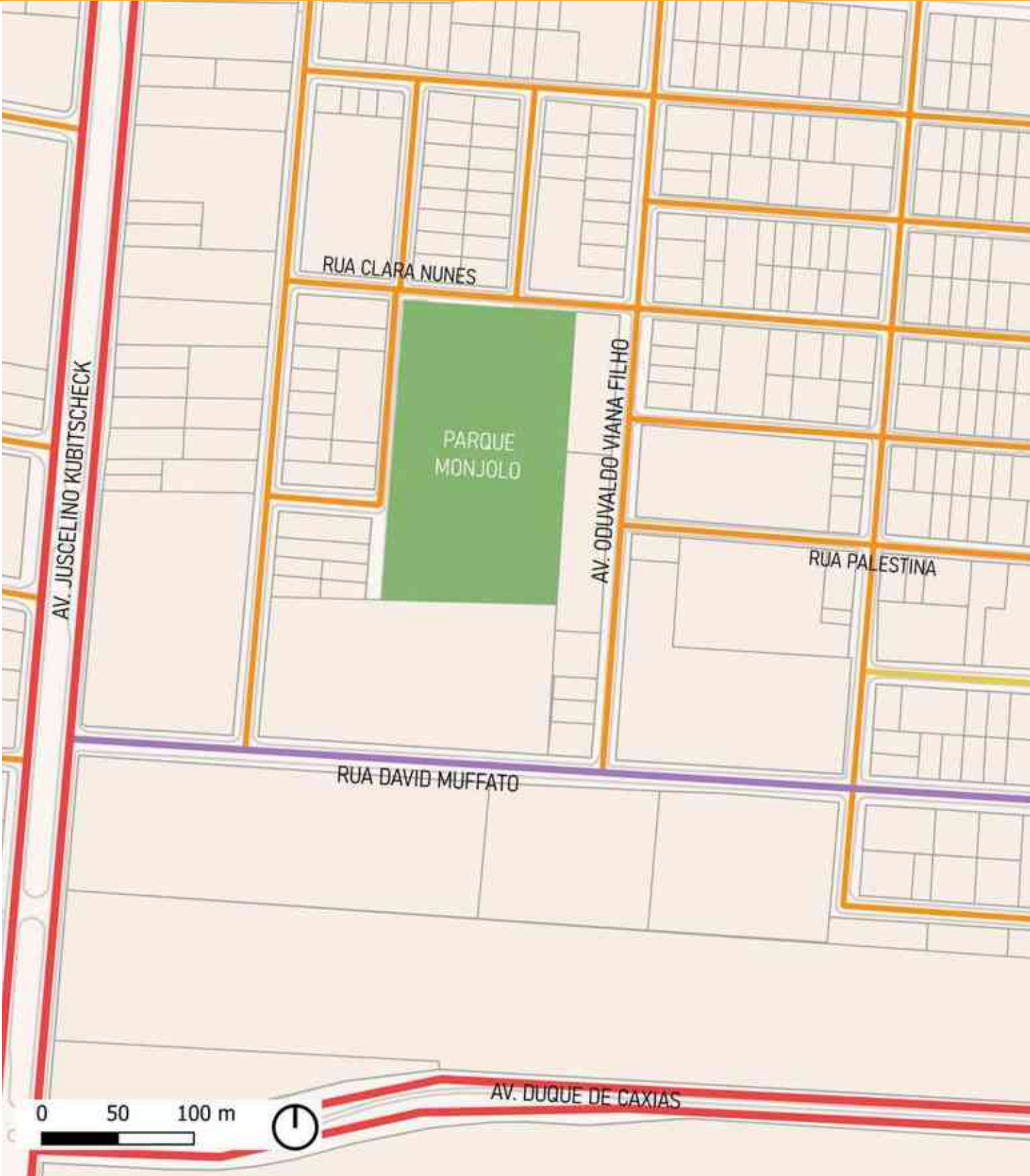
A seguir, realiza-se a caracterização física e morfológica do entorno imediato do parque, de modo a identificar as possíveis influências na vivência, uso e apropriação do local pela população.

VII - O PARQUE

FIGURA 68 - Parque Monjolo. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 7 - Hierarquia viária do entorno do Parque Monjolo. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Hierarquia de vias

O estudo de hierarquia viária do entorno imediato do Parque Monjolo revela que este está situado entre vias locais, de duplo sentido e baixo fluxo de veículos, sendo conectado à via arterial Av. Juscelino Kubitschek ao sul, por meio da Rua David Muffato.

LEGENDA

- arterial de fluxo intenso e duplo sentido
- conectora de fluxo baixo e sentido único
- local de duplo sentido
- local de sentido único

FIGURA 69 - Av. Juscelino Kubitschek. FONTE: Google Street View (2022).



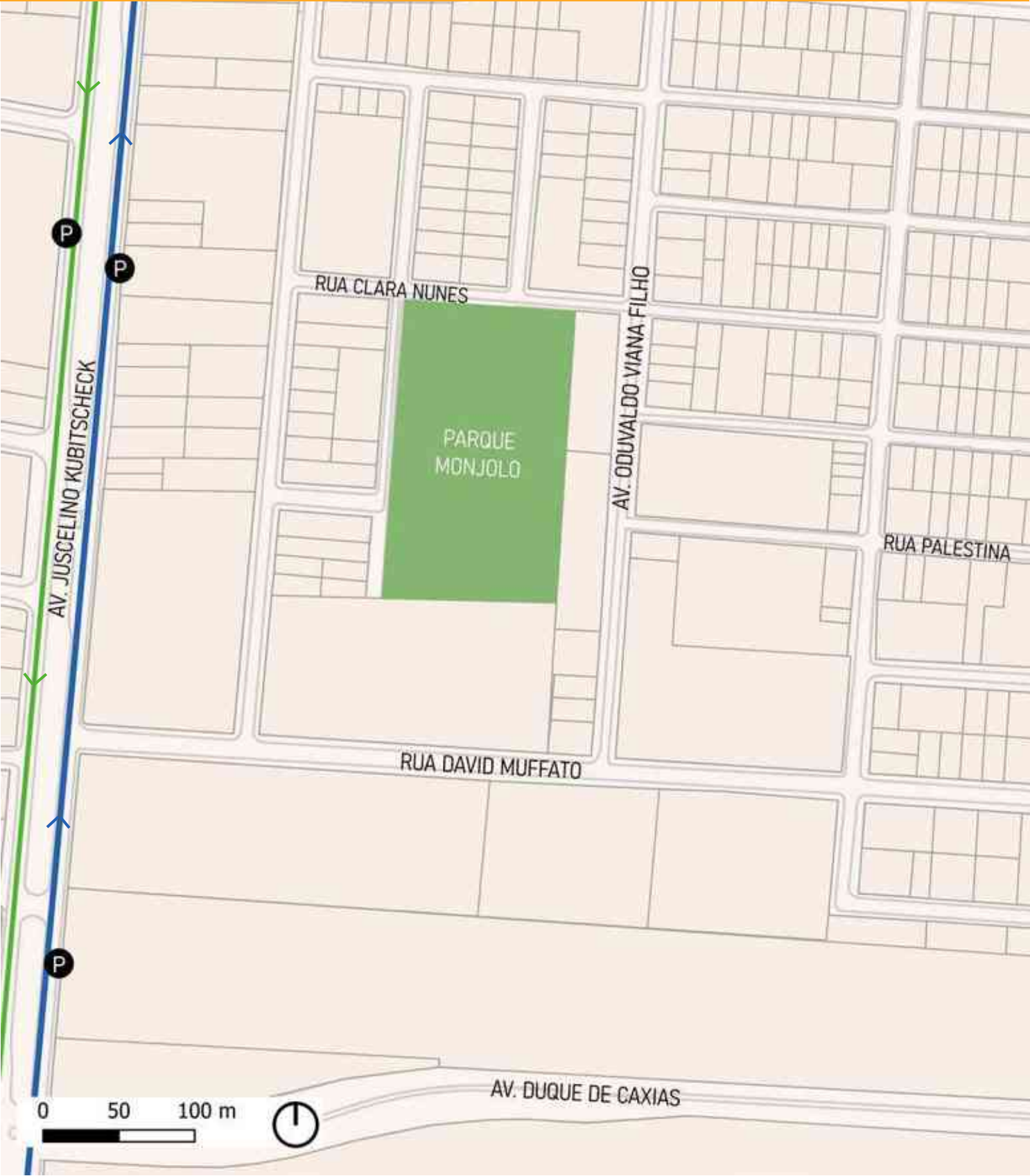
FIGURA 70 - Rua David Muffato. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 71 - Av. Brasil. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 8 - Mobilidade do entorno do Parque Monjolo. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Mobilidade

O estudo de mobilidade demonstra que o acesso ao Parque Monjolo por meio de transporte público urbano se limita aos pontos de ônibus localizados na Av. Juscelino Kubitschek, a duas quadras do parque. Apresenta, assim, certa dificuldade na locomoção e acessibilidade, além de pouca possibilidade de conexão com outros locais da cidade. Também não há ciclovias e ciclofaixas presentes no entorno imediato.

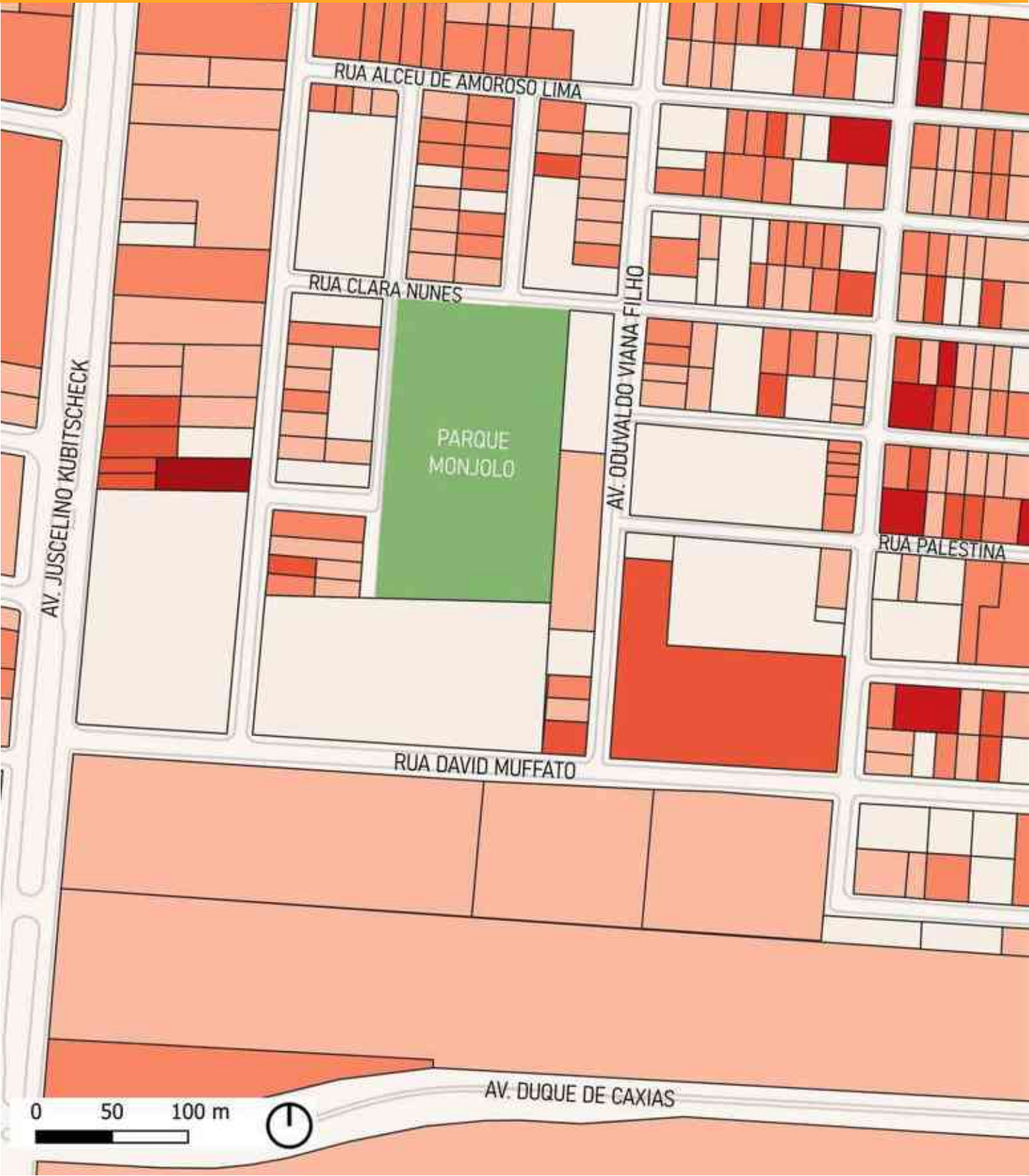
LEGENDA

SENTIDO TERMINAL:	SENTIDO BAIRRO:
linhas 10 - 35 - 55 -	linhas 10 - 35 - 55 -
101 - 102 - 103 - 200	101 - 102 - 103

FIGURA 72 - Ponto de ônibus da Av. JK, sentido terminal. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 9 - Gabarito de altura do entorno do Parque Monjolo. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Gabarito

O estudo de gabarito do entorno imediato do Parque Monjolo revela uma homogeneidade na altura dos edifícios, com uma média de 0 a 2 pavimentos e altura máxima de 15 pavimentos.

FIGURA 73 - Edifício de baixa altura. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 74 - Edifício de média altura. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 75 - Edifício de alta altura. FONTE: Google Street View (2022).



MAPA 10 - Uso e ocupação do solo do entorno do Parque Monjolo. FONTE: PMFI, modificado pela autora (2022).



Uso e ocupação do solo

O estudo de uso e ocupação do solo apresenta 10 usos e ocupações diferentes, com uma predominância entre atividades comerciais e residenciais, no qual a primeira em sua maioria se concentra nas extremidades do bairro e próximo as ruas mais movimentadas, enquanto a segunda se concentra em seu interior, com menor movimento de veículos e acesso local. Percebe-se também uma quantidade impressionante de lotes ociosos e subutilizados, demonstrando a baixa ocupação populacional presente no entorno imediato do Parque Monjolo.

LEGENDA

- | | | | |
|--|---------------------------------|--|------------------------------|
| | Residencial unifamiliar | | Institucional - educação |
| | Residencial plurifamiliar | | Institucional - religioso |
| | Misto - comercial + residencial | | Institucional - cooperativas |
| | Comercial | | Lazer |
| | Serviço público | | Ocioso e/ou abandonado |

- | | |
|------------------------------|--|
| 1 - Batalhão de Infantaria | 6 - Mesquita |
| 2 - Ceasa | 7 - Secretaria do Meio Ambiente |
| 3 - Universidade UDC Monjolo | 8 - Secretaria de Planejamento e obras |
| 4 - Colégio Monjolo | 9 - Secretaria da Educação |
| 5 - Lar Druso Brasileiro | 10 - Correios |



FIGURA 76 a 78 - Locais de referência a cultura árabe. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 79 - Mesquita. FONTE: Del Rey (2021).



FIGURA 80 a 82 - Conjuntos residenciais multifamiliares. FONTE: Google Street View (2022).



FIGURA 83 - Lote ocioso. FONTE: Google Street View (2022).

As principais características do entorno do Parque Monjolo, constatadas por meio dos estudos apresentados, é a particularidade de um bairro majoritariamente residencial, com grandes faixas de lotes comerciais, mas que, no geral, apresenta uma baixa densidade ocupacional devido a quantidade de terrenos vazios e ociosos presentes no local. Isso pode afetar negativamente os usos e apropriações no Parque Monjolo porque as grandes extensões de terra em desuso impossibilitam a conexão visual entre o espaço público e o espaço privado, diminuindo a percepção de segurança e, consequentemente, tornando-o local de passagem e não permanência.

Também se ressalta as características culturais árabes encontradas no bairro, como a presença da Mesquita Islâmica Omar Ibn Al-Khatab e do Lar Druso Brasileiro (religião drusa), além de diversos pontos de gastronomia típica.

LEITURA DA PAISAGEM CULTURAL DO PARQUE MONJOLO



Para iniciar o estudo perceptivo, levou-se algumas indagações a serem compreendidas em campo e que pudessem direcionar a leitura e compreensão da paisagem cultural do Parque Monjolo. A primeira busca entender como a grande quantidade de lotes vazios e ociosos afetam a utilização do parque, principalmente em relação ao tempo de permanência e percepção de segurança dos usuários. Também se considera a dificuldade de acesso demonstrada nos estudos morfológicos e de mobilidade, levantando a necessidade de compreender se o público que utiliza o parque é local ou se também frequentam pessoas de outros bairros e visitantes. E por fim, compreender e identificar as possíveis influências árabes refletidas na paisagem do Parque Monjolo.

De modo geral, busca-se analisar as diferentes formas de vivências, usos e apropriações, seguindo os parâmetros de avaliação socioambiental de: 1 - segurança; 2 - proteção e acessibilidade; 3 - conforto e atratividade; e 4 - diversidade e sociabilidade, conforme já apresentado anteriormente.



Entrada do parque =
Falta de visibilidade e permeabilidade visual devido a altura da vegetação



Pavimentos quebrados, falta de sinalização e controle da vegetação comprometem a acessibilidade do local



A limpeza da água do lago pode ser um fator de risco à saúde da população



A primeira característica observada ao entrar no Parque Monjolo foi a dificuldade de se ter uma visão serial que permite a compreensão geral do espaço. Tanto algumas áreas do parque como os lotes ociosos do entorno carecem de conservação, limpeza e manutenção adequada, principalmente em relação ao crescimento desenfreado de vegetação rasteira, o que limita a permeabilidade física e visual e compromete a acessibilidade, conforto e segurança ao utilizá-lo.

As conexões visuais entre o parque e as residências, entre os usuários e os moradores do entorno, são importantes porque aumentam a sensação de segurança no local, como já mencionado anteriormente. Jane Jacobs aprofunda esse entendimento com o conceito de “olhos da rua”, que seriam o controle e vigilância próprios de um espaço público em que as pessoas presentes interagem e se observam de forma natural (JACOBS, 2011, p. 34). Os olhos seriam, assim, atraídos pelo movimento de pessoas, ao mesmo tempo em que essa movimentação é incentivada pela segurança proporcionada por eles, uma vez que transmite a confiança de uma possível rota de fuga ou socorro em situações de perigo.

A falta de conservação e limpeza também é preocupante considerando o dano ambiental, já o Lago Monjolo abriga nascentes do Rio Monjolo e a sua poluição poderia acarretar em impactos significativos a todo o ecossistema que o compõe.



Não há evidência de um controle de conservação e manutenção e limpeza do local

FIGURA 86 a 89 - Conservação e manutenção do Parque Monjolo. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

Apesar da primeira impressão ser negativa, ao adentrar o Parque Monjolo se observa uma variedade de atividades ocorrendo no local: pessoas pescando, descansando, tomando tereré, fazendo piquenique, praticando esportes, brincando, fazendo corridas e caminhadas. Sendo que a maioria dessas atividades são resultado da livre apropriação do espaço, considerando que no local não há muitos equipamentos fixos que direcionam a um uso específico.

Igualmente, o espaço incentiva o contato constante com a natureza, proporcionando uma experiência rica em estímulos sensoriais e oferecendo uma melhoria na qualidade de vida urbana. As possibilidades desse contato são as mais diversas. Além da vegetação, também observa-se uma diversidade de espécies de pássaros que habitam o parque, sendo que, de acordo com o ambientalista Francisco Amarilla, os mais comuns são frango-d'água, garça, bem-te-vi e joão-de-barro, além do jacaré-de-papo-amarelo, que é frequentemente avistado pelos usuários e com quem se mantém um convívio amigável (H2FOZ, 2022).

A diversidade de visitantes também é observada, no qual se identifica como principais nacionalidades: Brasil, Paraguai e países de descendência árabe, como o Líbano.

Atividades
em grupo
x
individuais



Opções de atividades: caminhar, relaxar, conversar, ler, brincar, fazer picnic, passear com o cachorro, se exercitar

Sensação de tranquilidade, descanso e relaxamento



FIGURA 90 a 94 - Uso e apropriação do Parque Monjolo. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

A pesca pode ser considerada como a principal atividade do Parque Monjolo, já que é possível ver famílias inteiras (muitas se deslocam de outros bairros) reunindo-se para essa prática conjunta. Inclusive, mesmo diante da falta de proteção térmica, as pessoas buscam meios alternativos para se proteger do sol sem abandonar a pesca.

Isso é uma análise interessante se comparado com a Praça da Paz, uma vez que neste os usuários evitam atividades realizadas embaixo do sol, enquanto no Parque Monjolo o sol não é impedimento para pescar.

Outra característica interessante é a relação de troca entre os pescadores, uma vez que os praticantes frequentes costumam buscar o primeiro contato entre si, seja perguntando se a outra pessoa pesca frequentemente ou se neste dia está conseguindo pescar, e se reconhecem mutuamente depois. Essa característica é própria da sociabilidade possibilitada pela manifestação da esfera da vida pública nos espaços públicos urbanos.



FIGURA 95 - Pesca no lago Monjolo. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

Família com
criança
pequena,
pescando e
fazendo
picnic



Família
pescando,
preparados
com cadeiras
e caixa
térmica para
passar o dia no
parque



Mulher usa
uma toalha
para se
proteger do
sol, sem
interromper
a pesca



FIGURA 96 a 98 - Famílias pescando e descansando. FONTE: Arquivo pessoal (2022).

A análise participativa, realizada por meio do questionário de avaliação de parâmetros socioambientais do Parque Monjolo, resultou em uma relação quantitativa que oferece uma visão geral sobre como o parque é percebido e vivenciado pelos moradores de Foz do Iguaçu. Igualmente, a partir da valoração de cada parâmetro é possível compreender como alguns elementos físicos e simbólicos podem influenciar nos usos e apropriação pelos usuários do local.

Lembrando que cada parâmetro foi avaliado com valores de 0 a 5, sendo 0 - inexistente, 1 - péssimo, 2 - ruim, 3 - regular, 4 - bom e 5 - ótimo. A pesquisa foi realizada entre 1 a 16 de dezembro de 2022, e partir da resposta de 13 participantes, é obtida uma média dos dados levantados, os quais são apresentados nas tabelas abaixo.

De modo geral, o Parque Monjolo é avaliado como regular, sendo que as percepções quanto a segurança, conforto e atratividade e diversidade e sociabilidade possuem uma média similar, enquanto a proteção e acessibilidade é o parâmetro com mais fatores a serem melhorados. Considerando cada variável, as percepções positivas são em relação a iluminação natural, arborização, espaços de descanso e relaxamento e a diversidade de grupos presentes e possibilidade de interação social. Já as variáveis com avaliações mais baixas são quanto a manutenção, conservação e limpeza do local, a falta de acessibilidade nos caminhos e equipamentos, a impermeabilidade visual, a falta de proteção térmica e a baixa possibilidade de ser utilizado em diferentes horas do dia.

TABELA 6. Resultado da análise participativa por parâmetro geral do Parque Monjolo

PARÂMETROS	QUALIFICAÇÃO				
	1	2	3	4	5
SEGURANÇA					
PROTEÇÃO E ACESSIBILIDADE					
CONFORTO E ATRATIVIDADE					
DIVERSIDADE E SOCIABILIDADE					

TABELA 7. Resultado da análise participativa por variáveis do Parque Monjolo

PARÂMETROS	VARIÁVEIS	QUALIFICAÇÃO				
		1	2	3	4	5
SEGURANÇA	Sensação pessoal de segurança					
	Iluminação natural					
	Iluminação artificial					
	Vigilância natural					
	Permeabilidade visual					
PROTEÇÃO E ACESSIBILIDADE	Conservação e manutenção					
	Proteção térmica					
	Arborização					
	Passagem contínua e desobstruída					
	Acessibilidade em serviços e equip.					
CONFORTO E ATRATIVIDADE	Percepção visual positiva					
	Atrativos visuais					
	Estímulos sensoriais e lúdicos					
	Espaços de descanso e relaxamento					
	Limpeza					
DIVERSIDADE E SOCIABILIDADE	Diversidade de usos e atividades					
	Diversidade de grupos sociais					
	Potencial integrador					
	Temporalidade - horas do dia					
	Temporalidade - períodos do ano					

MAPEAMENTO ESQUEMÁTICO DOS USOS E APROPRIAÇÃO
PARQUE MONJOLO

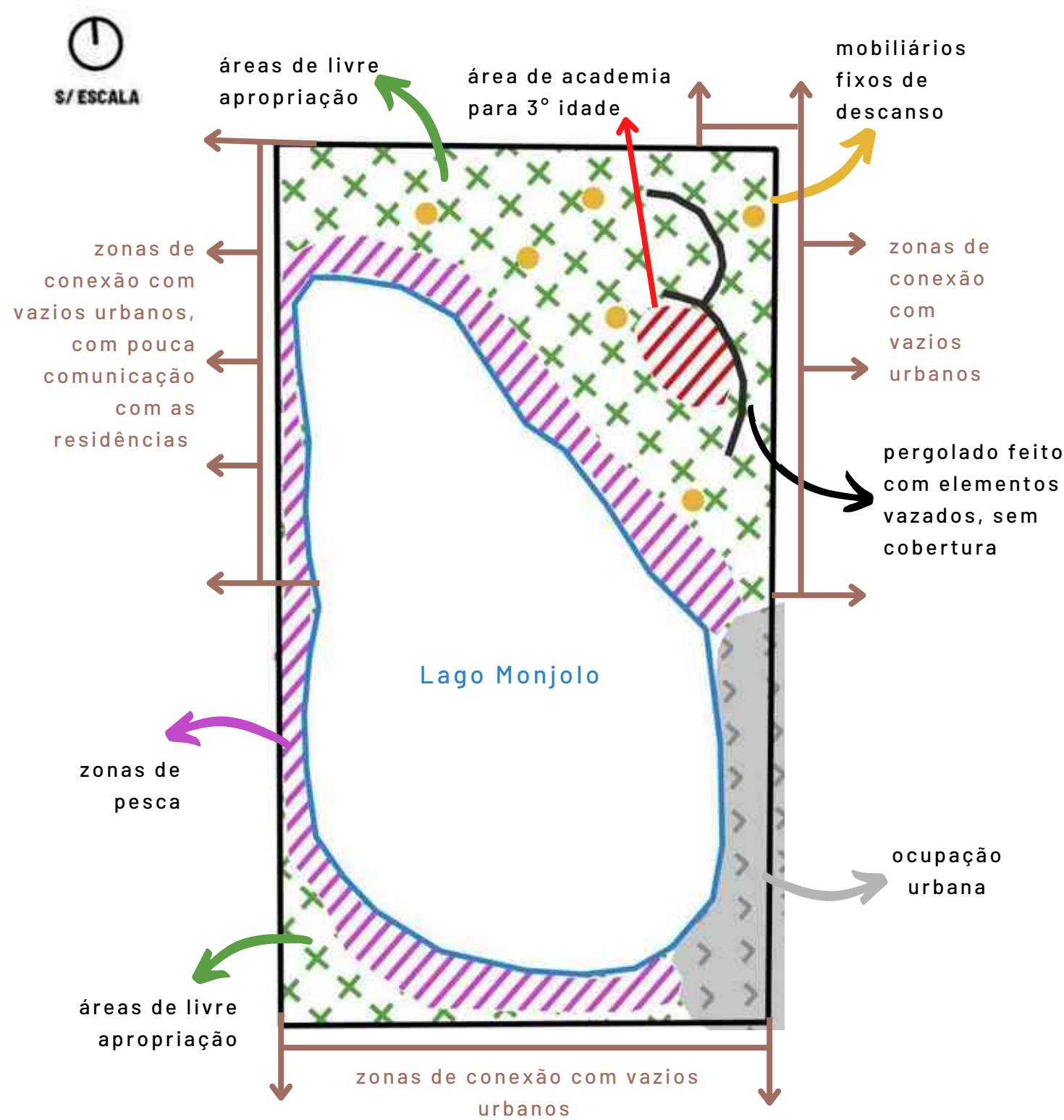


FIGURA 99 - Mapeamento esquemático da Praça da Paz. FONTE: elaborado pela autora (2022).

TABELA 8. Síntese da leitura da paisagem cultural do Parque Monjolo

PARÂMETRO	DEFICIÊNCIAS	POTENCIALIDADES
SEGURANÇA	Grande quantidade de lotes vazios e ociosos no entorno do parque, dificultando a comunicação entre o espaço público e as residências.	Considerável apropriação e permanência das pessoas em diferentes horas do dia.
	Baixa impermeabilidade visual, diminuindo o reconhecimento do parque à distância e dificultando a vigilância natural.	Boa iluminação natural e razoável iluminação artificial.
PROTEÇÃO E ACESSIBILIDADE	Falta de manutenção, conservação e limpeza do espaço, oferecendo risco à saúde dos usuários.	Grande quantidade de árvores, o que ameniza a temperatura local e o sombreamento gerado contribui para a proteção solar.
	Não há acessibilidade nos equipamentos e o piso é irregular e desnivelado.	
CONFORTO E ATRATIVIDADE	A falta de limpeza e conservação também interferem no conforto e atratividade do parque.	Variedade de estímulos sensoriais e dinamismo visual oferecido pela natureza, no contato com a fauna e flora, a água do lago e a vegetação.
		Opções de espaços para sentar e descansar: grama, bancos individuais e com mesa.
DIVERSIDADE E SOCIABILIDADE	A dificuldade no acesso resulta em uma apropriação mais local, com pouca interação entre moradores de outros bairros ou visitantes.	Permite o uso flexível e livre apropriação dos espaços, possibilitando diversas atividades recreativas, esportivas e de relaxamento.
		Proximidade na interação entre os usuários e com o parque.

VIII. INDICAÇÕES GERAIS PARA A PAISAGEM CULTURAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE FOZ DO IGUAÇU

A partir dos estudos de vivência e percepção sensível da paisagem da Praça da Paz e do Parque Monjolo, nota-se alguns fatores em comum que se repetem nos espaços públicos de lazer de Foz do Iguaçu. De modo geral, é possível perceber um esvaziamento desses espaços, que acontece diante do despreparo quanto ao planejamento, projeto e gestão dos mesmos.

As principais dificuldades encontradas nas análises perceptivas e participativas são referentes a capacidade desses espaços em oferecer o conforto e segurança adequada, além de possibilitar usos e atividades variadas, que melhor dialogam com o cotidiano dos moradores.

Demonstra, assim, a necessidade de projetar e planejar os espaços públicos, em especial praças e parques, a partir da perspectiva dos usuários, buscando compreender e se aproximar das vivências das pessoas neste local para propor soluções projetuais condizentes com a realidade, que deem suporte a permanência, que incentivem o encontro e as trocas sociais, que estimulem a diversidade de manifestações culturais e que contribuam para o bem-estar da população. Neste sentido, faz-se necessário projetar espaços públicos que promovam e incentivem a vida pública, que cada vez mais torna-se privada e privatizada.

A seguir, apresenta-se algumas indicações para a paisagem da Praça da Paz e do Parque Monjolo, mas que também podem ser adaptadas para as praças e parques de Foz do Iguaçu de modo geral.

INDICAÇÕES PARA A PAISAGEM DA PRAÇA DA PAZ

- Propostas projetuais e de intervenção que amplie a experiência sinestésica na praça, dialogando com os usos e apropriações pela população e oferecendo qualidade e dinamismo visual, de modo tornar a praça mais atrativa e estimulante. Sugestão: considerar paisagismos e jardins sensoriais, elementos lúdicos e didáticos na paisagem, e outros elementos que possibilitem a vivência do espaço através da interação sensorial.
- Atividades fixas e eventos temporários durante os dias da semana, incentivando a permanência das pessoas em todos os períodos do dia.

Sugestão: inserir a feirinha como atividade permanente da Praça da Paz, atraindo as pessoas através do consumo de alimentos, inclusive por meio de barracas com a gastronomia típica dos diferentes países presentes em Foz do Iguaçu.

- Implantar soluções de conforto térmico como: uso de materiais que não absorvem radiação solar, aumento dos espaços verdes e da quantidade de árvores, instalação de ferramentas que direcionam o fluxo da ventilação e intercalar os espaços livres com algumas áreas cobertas.
- Aumentar a comunicação da Praça da Paz com o entorno, de modo que a diversidade de usos não se limite à praça mas também ao entorno imediato, com fachadas ativas e dinâmicas. Sugestão: considerar formas de integrar a praça com as ruas (como já ocorre aos domingos com a feirinha), aumentando a interação entre os usuários e os pedestres.
- Reservar uma área para intervenções temporárias, manifestações culturais, artísticas e políticas e de livre apropriação. Sugestão: considerar atividades como exposições, cines debate, oficinas, aulas abertas - organizadas por instituições educativas e culturais, que proporcionam o encontro e fortaleçam os vínculos sociais.
- Instalar mobiliários móveis e/ou mutáveis, que possibilitem formas diferentes de ocupar o espaço e possam ser usados por pessoas sozinhas ou em grupo. Sugestão: considerar mobiliários modulares ou que se transformem de acordo com o uso. É importante considerar mobiliários que possam ser colocados em círculo, para facilitar a conversa e compartilhar o tererê/mate (prática muito comum na região).

INDICAÇÕES PARA A PAISAGEM DO PARQUE MONJOLO

- Melhorar a conexão entre o Parque Monjolo e os fluxos de mobilidade da cidade, através da criação de rotas de transporte público e ciclovias que interligam o parque com outras localidades de Foz do Iguaçu, facilitando o deslocamento para os moradores de outros bairros.

- Desenvolver ações que aproximem os moradores do bairro Monjolo, de modo que o parque se torne um local de encontro e troca constante, criando um senso de comunidade que faz com que se sintam pertencentes e auxiliem em seu cuidado diário. Sugestão: considerar atividades semanais relacionadas com a conscientização ambiental e a própria manutenção do parque, como oficinas de jardinagem, como também que promova a prática de exercícios físicos, como aulas de yoga e dança.
- Criar uma programação de atividades temporárias que possibilitem diferentes usos no parque. Sugestão: considerar o uso de projeções, ações educativas para as crianças, jogos e campeonatos locais. É interessante incluir atividades de educação e conscientização ambiental como visitas guiadas para observação de pássaros, que aproximem os usuários da natureza e ofereçam conhecimentos sobre responsabilidade ambiental e sustentabilidade.
- Ações de proteção ambiental, através de pesquisas e conservação das espécies de flora e fauna e, principalmente, de proteção às nascentes presentes no Lago Monjolo. Sugestão: parcerias com universidades e instituições locais para monitoramento da qualidade da água e preservação dos peixes.
- Planejamento e gestão pública com enfoque nos parques e praças da cidade, com o objetivo de ter um acompanhamento contínuo de limpeza e manutenção constante, estar de acordo com as normas de acessibilidade e fornecer todos os meios para que o parque - e todos os espaços públicos de lazer - seja utilizado de modo seguro, acessível e autônomo por todas as pessoas.
- Considerar a viabilidade de ampliar o parque utilizando os espaços vazios no entorno, criando, assim, um corredor verde que se conecta com as residências e oferece áreas de relaxamento, descanso, contemplação da natureza e prática de exercícios físicos.
- A segurança pode ser melhorada através de uma infraestrutura adequada, com melhor iluminação, incentivando fluxos e deslocamentos pelo local. Sugestão: uma possibilidade é conectar a pista de caminhada da Avenida Paraná ao Parque Monjolo, além de oferecer outras rotas de ciclovias que aumente o fluxo de pessoas se deslocando diariamente pelo parque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se inicia a partir de uma inquietude de entender como Foz do Iguaçu, uma cidade que se denomina como trinacional e que tem a multiculturalidade presente em todos os seus espaços, promove e dá suporte à integração cultural para além da finalidade turística.

Essa inquietude se iniciou em 2016, quando recém chegada, me deparei com uma Universidade bilíngue, onde se interagiu uma diversidade de culturas e nacionalidade, principalmente nos espaços informais, mas que, fora da universidade, percebia-se uma cidade que não estava preparada para a mescla cultural na prática. Presenciei e me foram compartilhadas situações vivenciadas nesta cidade onde o sentimento era de afastamento constante a tudo o que não fosse o “habitual”. Via-se uma cidade despreparada, inclusive, para abrigar os próprios moradores.

Neste sentido, os espaços públicos, em especial os espaços públicos de lazer, são escolhidos como objeto de estudo por serem compreendidos como potencializadores do encontro com o diferente, que amplia as possibilidades de ver o outro e, assim, ver a si mesmo, buscando mais as similaridades do que as diferenças.

Estudar os espaços públicos a partir de uma revisão conceitual e metodológica do termo “paisagem cultural” contribuiu para a interlocução e interdisciplinaridade que acredito ser necessária em algumas discussões da área de Arquitetura e Urbanismo, no sentido de ler o espaço projetivo menos estruturado e com mais sensibilidade, projetando para além do funcional, mas considerando os aspectos simbólicos e culturais que estão implícitos na sua paisagem.

Denis Cosgrove e Carl Sauer, geógrafos culturais, apresentam a compreensão da paisagem cultural como o resultado das relações humanas e suas modificações no meio natural. O ser humano é, portanto, o principal indicador de qualidade espacial, mostrando a necessidade de se projetar edifícios e cidades desde a perspectiva humana e toda sua expressão cultural, social e política. Igualmente mostra-se de extrema relevância propor soluções projetivas com compromisso ambiental, que fortaleçam o convívio amigável com a natureza e incentivem a produção sustentável do espaço.

Foz do Iguaçu (e as cidades que compõem a tríplice fronteira) se desenvolveu e se desenvolve a partir do potencial do Rio Iguaçu e Rio Paraná e da riqueza de biodiversidade da Mata Atlântica. Demonstra a importância dos recursos naturais nos mais amplos aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais. No entanto, o direcionamento de políticas públicas ainda carece de preocupação e responsabilidade ambiental e social.

Reafirmo a necessidade de incluir a análise humana e ambiental nos planejamentos e projetos das cidades e edifícios, a partir da diversidade de perspectivas e significados, considerando as vivências, usos e apropriações pela população, fortalecendo as identidades locais e os vínculos como comunidade e dando suporte ao diálogo entre especificidades culturais, de raças, gênero e classe social, de modo a construir espaços mais justos, inclusivos e plurais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elaine Moraes de. **Desvelando a paisagem da Vila Ferroviária de Paranapiacaba**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado; ASSUMPÇÃO, Solange Bonomo. **A Unila e o papel da universidade periférica**. In: CALDERARI, Elaine Saraiva; FELIPE, Joel Pereira. Novos campi universitários brasileiros: processos e impactos. Brasília: Universidade de Brasília, p. 195-231, 2021.

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado et. al. **A cidade-mercadoria interiorana fronteiriça**. In: Territórios interioranos e modos de morar. Pelotas: Projectare, v. 1, n. 11, 2021.

ARCHDAILY. **Parque Madureira / Ruy Rezende Arquitetos**. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/789177/parque-madureira-ruy-rezende-arquitetos>. Acesso em: 10 de março de 2022.

ARCHDAILY. **Rio de Janeiro é a primeira paisagem cultural urbana declarada Patrimônio Mundial da UNESCO**. 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/801657/rio-de-janeiro-e-a-primeira-paisagem-cultural-urbana-declarada-patrimonio-mundial-da-unesco>. Acesso em: 4 de março de 2022

ARCHDAILY. **Urbanização do Complexo Cantinho do Céu / Boldarini Arquitetura e Urbanismo**. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-157760/urbanizacao-do-complexo-cantinho-do-ceu-slash-boldarini-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 10 de março de 2022.

ARUP. **BEIRA FOZ MARSTERPLAN: Relatório final**. 2014.

BLOCK BY BLOCK. **Building Family-Friendly Walkways In São Paulo**. Disponível em: <https://www.blockbyblock.org/projects/saopaulo>. Acesso em: 05 de março de 2022.

BORJA, Jordi. MUXI, Zaida M. **El espacio público, ciudad y ciudadanía. Universidade Politècnica de Catalunya**. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31731154_El_espacio_publico_ciudad_y_ciudadania_J_Borja_Z_Muxi_prol_de_O_Bohigas. Acesso em: 07 de março de 2022.

BRITTO, Marcos. **O Lugar Como Estratégia de Projeto: Análise da Relação Entre Espaço e Lugar em Puerto Madero**. Tese (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2016.

CASAS BACANAS. **Afinal, o que são espaços públicos?**. 2017. Disponível em: <https://cidadeativa.org/en/iniciativa/mind-the-step/mind-the-step-jardim-nakamura/>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

CIDADE ATIVA. **Mind the step: Jardim Nakamura**. Disponível em: <https://cidadeativa.org/en/iniciativa/mind-the-step/mind-the-step-jardim-nakamura/>. Acesso em: 05 de março de 2022.

CIDADE ATIVA. **Relatório Olhe o degrau Jardim Ângela**. 2016. Disponível em: https://cidadeativa.org/wp-content/uploads/2017/10/CA_EscadariasJdAngela_Relatorio.pdf. Acesso em: 05 de março de 2022.

CIDADE BRASIL. **Mesorregião do Oeste Paranaense**. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-oeste-paranaense.html>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2022

CLICKFOZ. **Revitalização na Praça da Paz deve ser concluída até outubro**. Disponível em: <https://www.clickfozdoiguacu.com.br/revitalizacao-na-praca-da-paz-deve-ser-concluida-ate-outubro/>. Acesso em: 30 de outubro de 2022

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. **Prémio de Paisagem do Conselho da Europa**. Conselho da Europa, v. 2. 2021. Disponível em: <https://rm.coe.int/european-landscape-convention-the-landscape-award-alliance-of-the-coun/16809ce3d4>. Acesso em: 21 de setembro de 2022

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do espaço: alguns temas**. In: Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: NEPEC, ano 1, n.1, 1995. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3479>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado**. Rio de Janeiro: Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, v. 4, n.1, p. 41-42, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a geografia cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2º ed., p. 92-123, 2004.

FIGUEIREDO, V. G. B. **O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções?**. Campinas: Paisagem e Ambiente, n. 32, p. 83-118, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/88124>. Acesso em: 17 de novembro de 2021.

GIMENEZ, Heloisa M. et. al. **A Trílice Fronteira como região: dimensões internacionais**. São Paulo: Cadernos Prolam/USP, v. 17, n. 33, p.148-167, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/157693/156888>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2022

GOMES, Paulo C. C. **Espaço público, espaços públicos**. Universidade Federal Fluminense. Niterói: *GEOgraphia*, vol. 20 n°44, p. 115-119, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/27557>. Acesso em: 07 de março de 2022.

HEEMANN, Jeniffer; SANTIAGO, Paola Caiuby. **Guia dos Espaço Público**. Conexão cultural; Bela Rua, 1º edição, 2015.

H2FOZ. **Descubra o Parque Monjolo, um pedaço de natureza na área central de Foz** – VÍDEO. Youtube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rceLaAXHFeM&ab_channel=H2FOZ. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

IBGE. **Cidades e Estados, Foz do Iguaçu**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

IBGE. **Foz do Iguaçu, História e fotos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/historico>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022

IBGE. **Foz do Iguaçu, Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022

IPHAN. **Recomendação Europa**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Europa%201995.pdf>. Acesso em: 4 de março de 2022

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3º ed., 2011.

MACEDO, Silvio S. et al. **Os sistemas de espaços livres da cidade contemporânea brasileira e a esfera de vida pública: considerações preliminares**. Encúentro de Geógrafos de América Latina, 12º, p. 1-12, 2009.

MENDES, Hernani Guimarães. **Acerca da paisagem**. Porto Alegre: Revista-Valise, v. 6, n. 11, ano 6, 2016.

PORTAL IGUAÇU. **Abertura do Natal de Águas de Foz do Iguaçu e Luzes lota a Praça da Paz e encanta o público**. 2021. Disponível em: <https://portaliguacu.com.br/abertura-do-natal-de-aguas-de-foz-do-iguacu-e-luzes-lota-a-praca-da-paz-e-encanta-o-publico>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável, Volume I**. Secretaria Municipal de Planejamento e Captação de Recursos. Foz do Iguaçu, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável, Volume III**. Secretaria Municipal de Planejamento e Captação de Recursos. Foz do Iguaçu, 2016.

PREMIO GESTÃO PÚBLICA PARANÁ. **Revitalização do Parque Monjolo**. 2015. Disponível em: http://pgp-pr.org.br/old/projeto_page/494. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **O que é Placemaking?**. 2007. Disponível em: <https://www.pps.org/article/what-is-placemaking>. Acesso em: 07 de março de 2022.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **O que torna um lugar de sucesso?**. Disponível em: <https://www.pps.org/article/grplacefeat>. Acesso em: 07 de março de 2022.

RAMMÉ, Juliana. **A compreensão da urbanidade pela morfologia urbana: as vilas de Itaipu**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. Campinas, 2020.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SAUER, Carl O. **A Morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; HOSENDAHL, Zeny (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.

SAUER, Carl O. **Geografia Cultural**. (Tradução Suzana Mara Mirando Pacheco). Rio de Janeiro: Espaço e Cultura, n°3, 1997.

SECRETARIA DE TURISMO E PROJETOS ESTRATÉGICOS. **Resumo Mensal do Fluxo de Viajantes e Visitantes 2022**. Disponível em: <https://www.destino.foz.br/dashboards/#resumo>. Acesso em: 14 de março de 2022

SECRETARIA DE TURISMO E PROJETOS ESTRATÉGICOS. **Análise do Fluxo Turístico 2022 x Pré-Pandemia – Janeiro a Julho**. 2022. Disponível em: <https://www.destino.foz.br/analise-do-fluxo-turistico-2022-x-pre-pandemia-janeiro-a-julho>. Acesso em: 14 de março de 2022

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

UNESCO. **Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial**. Tradução de Francisco Agarez. Comissão Nacional da UNESCO - Portugal. Lisboa: 3ªed., 2012. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/opguide11-pt.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2022.

VIAJE PARANÁ. **Foz do Iguaçu**. Disponível em: <https://www.viajeparana.com/Foz-do-Iguacu>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022

WRI BRASIL. **Espaços Públicos: 10 princípios para conectar as pessoas e a rua**. 2017. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/noticias/espacos-publicos-10-principios-para-conectar-pessoas-e-rua>. Acesso em: 07 de março de 2022.

100 FRONTEIRAS. **Foz do Iguaçu é o 3º destino mais reservado por estrangeiros**. 2021. Disponível em: <https://100fronteiras.com/turismo/noticia/foz-do-iguacu-e-o-3o-destino-mais-reservado-por-estrangeiros/>. Acesso em: 07 de setembro de 2022.

100 FRONTEIRAS. **Foz do Iguaçu é o 2º destino turístico mais procurado por brasileiros**. 2022. Disponível em: <https://100fronteiras.com/foz-do-iguacu/noticia/foz-do-iguacu-e-o-2o-destino-turistico-mais-procurado-por-brasileiros/>. Acesso em: 07 de setembro de 2022.

100 FRONTEIRAS. **Parque Monjolo em Foz do Iguaçu: escondido e esquecido**. 202. Disponível em: <https://100fronteiras.com/brasil/noticia/parque-monjolo-foz-do-iguacu-escondido-esquecido/>. Acesso em: 25 de novembro de 2022.

3C ARQUITETURA E URBANISMO. **Beira Foz: Margens brasileiras dos rios Iguaçu e Paraná**. 2012. Disponível em: http://www.3c.arq.br/portfolio/049_brf/. Acesso em: 15 de março de 2022.